

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

A INTEGRAÇÃO PELA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Dissertação de Mestrado

Janice Parizotto

**Florianópolis
2001**

A INTEGRAÇÃO PELA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

A INTEGRAÇÃO PELA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Janice Parizotto

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Engenharia de
Produção da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial
obtenção do título de Mestre em
Engenharia de Produção

**Florianópolis
2001**

Janice Parizotto

A INTEGRAÇÃO PELA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção** no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 20~~7~~ de setembro de 2001.

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph. D.

Coordenador do Curso

Banca Examinadora



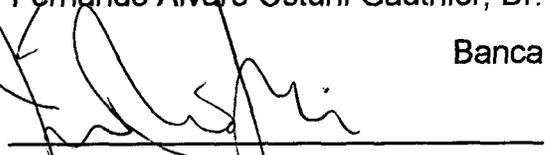
Prof.ª Vânia Ribas Ulbricht, Dr.ª

Orientadora



Prof. Fernando Álvaro Ostuni Gauthier, Dr.

Banca



Prof. Julio César da Silva, Dr.

Banca

Agradecimentos

À Universidade Federal de Santa Catarina.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior - CAPES

À orientadora, Dr^a. Vânia Ribas Ulbricht, por
acompanhamento dedicado, objetividade e
competência.

A todos os que direta ou indiretamente contribuíram
para a realização desta pesquisa.

Sumário

Resumo	x
Abstract	xi
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
1.1 Apresentação da Problemática	1
1.2 Justificativa	5
1.3 Hipóteses	8
1.4 Objetivos	9
1.4.1 Objetivo Geral	9
1.4.2 Objetivos Específicos	10
1.5 Metodologia	10
1.6 Estrutura da Dissertação	15
CAPÍTULO II - O CONTEXTO TECNOLÓGICO, O ADOLESCENTE E A TERCEIRA IDADE	17
2.1 Introdução	17
2.2 A Era do Conhecimento	23
2.3 O Adolescente	26
2.4. Mudanças nos Paradigmas Educacionais	31
2.5 O Conhecimento e as Habilidades do Adolescente	33
2.6 A Terceira Idade no Contexto Social	38
2.7 A Terceira Idade e os Direitos Humanos	42

2.8 A Terceira Idade no Contexto da Tecnologia.....	50
2.9 O Computador para a Terceira Idade.....	54
2.10 Conclusão	59

CAPÍTULO III - PROJETO DE INTEGRAÇÃO ENTRE ADOLESCENTE

E TERCEIRA IDADE	60
3.1 Introdução	60
3.2 Desenvolvimento do Projeto	61
3.2.1 Procedimentos.....	61
3.3 Tarefas Desenvolvidas.....	67
3.3.1 Atividades Desenvolvidas	67
3.3.2 Quanto ao Desempenho dos Sujeitos	75
3.4 Análise das Atitudes	77
3.4.1 Atitude dos Adolescente.....	77
3.4.2 A Relação entre Adolescentes e Terceira Idade	78
3.4.3 Atitude do Grupo da Terceira Idade	78
3.5 Questionamentos.....	80
3.5.1 Escola/Professores	80
3.5.2 Terceira Idade	83
3.5.3 Adolescentes	86
3.5.4 Pais	91
3.5.5 Parecer da Secretária Estadual de Assistência Social	92

3.6 Dificuldades	94
CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO	97
4.1 Considerações Finais e Sugestões para Trabalhos Futuros	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
Bibliografias Consultadas	110
ANEXO 1 - Roteiro das Atividades Desenvolvidas com a Terceira Idade ..	113
ANEXO 2 - Política Nacional do Idoso	118
ANEXO 3 - 1999 - Ano Internacional do Idoso.....	132

Lista de Figuras

Figura 1 - Reunião com os adolescente para explanação da proposta..	63
Figura 2: Os Adolescente com Terceira Idade	63
Figura 3: Acompanhamento do projeto e roteiro de trabalho dos adolescentes.....	64
Figura 4: Acompanhamento do projeto e roteiro de trabalho dos adolescentes.....	65
Figura 5: Adolescentes com Terceira Idade durante o desenvolvimento das atividades	65
Figura 6: Os Adolescentes explicando o que deveria ser feito na atividade	66
Figura 7: Os Adolescentes explicando o que deveria ser feito na atividade	66
Figura 8 – Texto Garota de Ipanema	68
Figura 9 – Trabalhando o texto “O Sol e o Vento”	69
Figura 10 – Montagem da história da evolução da tecnologia	71
Figura 11 – Montagem de uma história em seqüência	72
Figura 12 – Trabalhando poesia em forma de slides	74
Figura 13 – Montagem de um cartão de Natal	75

Resumo

PARIZOTTO, Janice. A interação pela educação tecnológica. 2001. 135f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

A entrada da tecnologia no cotidiano da sociedade provocou uma quebra de paradigma em todos os setores sociais, promovendo rápidas e variadas transformações que estão atingindo diretamente as instituições escolares. A tecnologia trouxe benefícios ao mesmo tempo em que ampliou e revelou desigualdades. Neste contexto, tem-se um adolescente que frequenta uma escola que não acompanha totalmente o desenvolvimento encontrado na Sociedade da Informação, demonstrando-se muitas vezes inquieto com o que a escola lhe oferece e ao perceber o descompasso procura outras alternativas. Uma outra classe social que se apresenta perdida entre toda esta tecnologia e sem acesso à mesma é a terceira idade, principalmente as pertencentes a camadas sociais menos favorecidas. Neste trabalho se procurou testar a utilização de uma metodologia baseada em projetos que permita considerar as potencialidades dos alunos e ao mesmo tempo amenizar a realidade de uma terceira idade que não foi alfabetizada tecnologicamente, possibilitando assim, além do conhecimento do computador, um crescimento pessoal e o resgate da auto-estima. Os resultados colhidos demonstraram que o projeto apresenta-se como uma alternativa válida de inclusão social e tecnológica não apenas de alunos adolescentes, mas também de uma parcela considerável da população, a terceira idade, e também como demonstração de que a escola pode, exercer um papel mais dinâmico e participativo dentro do contexto social do qual faz parte.

Palavras chave: Computador, adolescente, terceira idade, projetos, conhecimento.

Abstract

PARIZOTTO, Janice. A interação pela educação tecnológica. 2001. 135f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

The arrival of technology in the society's day-by-day has forced fast transformations, breaking paradigms in all of the social sectors and affecting directly the schools institutions. The technology has brought benefits at the same time it has revealed differences. In this context, there is an adolescent who goes to a school that has not been able to follow all the development found in the Society of the Information and that feels unhappy with what the school has to offer him or her. Another social group that feels itself lost in the middle of all this technology and many times without access to it is the so called third age. The goal, in this study, was to measure the use of a methodology in which one seeks to explore the students's potentials while trying to better the third age's conditions in terms of technological knowledge. The results this project is a real alternative to promote social and technological inclusion not only for teen students but also for a significative portion of population, the so called third age, while showing that school can make a more efficient and dynamical job into its social context.

Words key: Computer, Adolescent, Third Age, Knowledge.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação da Problemática

O contexto de todo conhecimento político, econômico, antropológico e ecológico é o próprio mundo. O conhecimento deste tornou-se uma necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. Trata-se de um problema que se apresenta a todo cidadão: ter acesso às informações sobre o mundo, organizá-las, articulá-las e ainda, através delas tentar mudanças, que exigem mais do que sobreviver, viver com elas e pondo-as a seu serviço.

O processo de construção da cidadania autônoma e participativa está ligado à apropriação das informações através dos meios e linguagens de comunicação. Para que esse processo se realize, urge que o indivíduo estabeleça uma relação crítico-produtiva-participativa com o mundo que o cerca, capacitando-se para interagir com as diversas formas de conhecimento da tecnologia, surgindo a partir daí a possibilidade de diálogo com a realidade em todos os níveis.

Acontece que o acesso à informação, muitas vezes, está condicionado ao poder aquisitivo da classe social a qual o indivíduo pertence, o que contribui para acentuar cada vez mais os contrastes sociais, impossibilitando uma sociedade democrática desejada por todos.

CHAUÍ (2001, p. 18) coloca estes aspectos contrastantes:

"O Brasil foi instituído como colônia de Portugal e inventado como 'terra abençoada por Deus', à qual, se dermos crédito a Pero Vaz de Caminha, 'Nosso Senhor não nos trouxe sem causa'".

A construção e o desenvolvimento dessa idéia constitui o mito fundador do Brasil. Uma representação ideológica que serve aos interesses dos que mandam e sempre mandaram em nosso país. Uma idéia que permite, por exemplo, a alguém afirmar que os índios são ignorantes, os negros indolentes e os nordestinos atrasados, mas ao mesmo tempo declarar orgulho de ser brasileiro porque somos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças.

Em suma, essa representação permite que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde o seu surgimento, pratica o *apartheid* social possa ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna. 'Se indagarmos de onde proveio essa representação e de onde ela tira sua força sempre renovada, seremos levados em direção ao mito fundador do Brasil, cujas raízes foram fincadas em 1500'."

Quando se analisa a história do povo brasileiro, vê-se que desde o descobrimento do país ela foi marcada pela dominação de uns sobre outros. Essa estrutura de dominação, que exclui da maioria da população ao acesso a saúde, a alimentação, ao saneamento, ao lazer, ao transporte e a educação, revela os administradores dos sistemas econômicos como geradores da injustiça social.

Partindo desses pressupostos, de que nem as necessidades básicas são atendidas, não é difícil reconhecer o alijamento dessa população ao conhecimento e aos benefícios da tecnologia.

Estudos feitos na Cidade de Cascavel - Paraná e disponíveis na Secretaria Social e da Criança, revelam que um grande contingente de pessoas, principalmente de segmentos sociais (sejam idosos, Adolescentes ou crianças) encontra-se à margem de toda uma estrutura social de vida, quanto mais do acesso a informações e sobretudo o da realidade tecnológica.

Conforme pode-se evidenciar no comentário de BELLONI (2001, p. 7):

“O impacto do avanço tecnológico (entendido como um processo social) sobre processos e instituições sociais (educação, comunicação, trabalho, lazer, relações pessoais e familiares, cultura, imaginários e identidades, etc.) tem sido muito forte, embora percebido de modos diversos e estudado a partir de diferentes abordagens.

A penetração destas "máquinas inteligentes" em todas as esferas da vida social, é incontestável: no trabalho e no lazer; nas esferas pública e privada. Do cinema mudo às redes telemáticas, as principais instituições sociais foram sendo transformadas por estas tecnologias que, nos dias de hoje (mas as mudanças são tão rápidas!), estão compreendidas na expressão tecnologias de informação e comunicação (TIC): as famílias, cujo cotidiano foi sendo invadido pela programação televisual; as igrejas que tiveram que render-se aos apelos da TV e do espetáculo; as escolas particulares, que por pressão do mercado utilizam a informática como um fim em si. Hoje, temos Internet para muitos usos, e jogos com realidade virtual estarão em breve disponíveis no mercado.

São imensos os desafios que estas constatações colocam para o campo da educação, tanto do ponto de vista da intervenção, isto é, da definição e implementação de políticas públicas, quanto do ponto de vista da reflexão, ou seja, da construção de conhecimento apropriado à utilização adequada daquelas máquinas com fins educativos.”

Observa-se assim, a necessidade de buscar alguma forma de contribuição, na tentativa de resgatar a dignidade e auto-estima dessas pessoas, minimizando as diferenças sociais e também os espaços vazios entre estes e a tecnologia. Podendo-se considerar este processo de proporcionar formas diferenciadas de educar, através de projetos que atenda interesses sociais, o produto de uma educação voltada para o paradigma tecnológico.

O jovem, ainda que dentro da condição de quem aprende, também contribui na promoção do conhecimento dentro de uma sociedade tecnologicamente desenvolvida, uma vez que está inserida neste contexto, por seu dinamismo, agilidade e capacidade de aquisição e domínio da tecnologia. A Terceira Idade por sua vez, pode não conhecer a tecnologia tão bem, mas oferece uma contribuição em termos de conhecimento quando transmite sua experiência de vida e uma capacidade de reflexão e discernimento adquirida em anos de trabalho e aprendizagem. Isto tem correlação com a aplicação do conhecimento, a qual deve atender às necessidades e interesses de uma sociedade atual, marcada pela automação, onde não basta apenas o ensino formal, mas requer-se uma alfabetização também em termos tecnológicos, capacitando as pessoas não apenas a lidar com a tecnologia, mas também as habilitando a gerenciar informações e desenvolver novos conhecimentos, de forma a torna-las aptas ao desempenho profissional e social e ainda como produtoras e disseminadoras de seu próprio conhecimento.

1.2 Justificativa

Na presente proposta, que nasceu de um diálogo entre professoras preocupadas com jovens Adolescentes, que conhecem a tecnologia (computador) e mostram-se insatisfeitos com a escola e acabam sendo taxados de indisciplinados e sem ideais e também com um outro setor social - Terceira Idade - que se encontra a margem desta tecnologia, buscou-se promover momentos de ensino-aprendizagem e integração dos mesmos. Os que conhecem e buscam esse acesso de variadas formas, proporcionaram aos que desconhecem, momentos de uma alfabetização na tecnologia.

Assim, a intenção foi de entender e resolver as contradições citadas anteriormente, proporcionando à pessoas da Terceira Idade de uma entidade social e aos alunos de uma escola pública da cidade de Cascavel, momentos de convivência e também de vivência com o mundo informatizado, oportunizando pelo menos a busca da dignidade, indispensável a qualquer projeto.

Desta maneira, é necessário visualizar a forma como é encarada a utilização do computador e suas tecnologias (Internet, por exemplo) pelas escolas e pelos profissionais da educação, através de ângulos que realmente proporcionem aos educandos uma apropriação do conhecimento e que leve estes alunos a uma visão da sociedade que ele vive de uma forma mais real.

TAJRA (1998, p. 25) alerta que há recomendações para que as atividades da "Informática Educativa sejam balizadas por valores culturais,

sócio-políticos e pedagógicos da realidade brasileira; que os aspectos técnico-econômicos sejam equacionados não em função das pressões de mercado, mas dos benefícios sócio-educacionais".

O trabalho construtivo da educação entre comunidade e escola de ser promovido pela escola em função e em prol da sociedade, conforme MORETTO (1999, p. 121):

"Hoje, a sociedade e a escola parecem estar despertando para uma nova realidade, e surgem (ainda não de forma generalizada) novos rumos para a educação na escola. O novo foco está na aquisição de habilidades no campo afetivo, no cognitivo e no psicomotor, que identifiquem as competências do novo profissional e cidadão. Em síntese, a escola terá cumprido sua função social se ajudar a formar gerentes de informações e não meros acumuladores de dados."

A este respeito, as mudanças ocorridas em vista da introdução de uma nova matriz tecnológica na Escola (a informática) tendem a se intensificar levando a instituição escolar à necessidade de um novo planejamento educacional que, além de uma adaptação a um novo cenário em que pontifiquem as ferramentas baseadas em tecnologia, contemple também a construção de escola democrática e de qualidade, estimulando o envolvimento da comunidade educacional no processo de informatização, de forma que se possa contribuir para a manutenção desses avanços, pois toda melhoria que se efetivar na escola pode resultar na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos dentro da sociedade como um todo (OLIVEIRA, 1998).

Conforme PAPERT (1994, p. 195):

"Seria doloroso olhar no futuro apenas para ver maravilhosas redes de acesso a conhecimento para algumas pessoas, enquanto outras foram excluídas; ou ver que a Educação tornou-se até mesmo mais do que no passado um meio de cultura para intolerância e o ódio. A perspectiva é tão repugnante que eu relutaria em aceitar quaisquer vantagens meramente intelectuais ao custo de abandonar um *status quo* que serviu á democracia e à diversidade cultural. Contudo, o que não estou pronto para aceitar é desistir de vantagens reais em troca de uma aparência de igualdade. A única opção racional que vejo é investir no encorajamento da diversidade educacional com um comprometimento dedicado não apenas a expandir seus benefícios para todos os que os desejam, mas também para assegurar que os que optam por não tê-los estejam fazendo uma escolha informada."

Analisando-se esta realidade emergente que a tecnologia vem apresentando à sociedade, onde se necessita o envolvimento, conhecimento e domínio da mesma, e com a preocupação de buscar encaminhamentos para que a escola e comunidade possam amenizar a situação das pessoas sem acesso ao computador, pensou-se na proposta de um projeto entre Adolescentes que estão de uma forma ou de outra utilizando esta tecnologia e a Terceira Idade, cujos integrantes, além de estarem amedrontados com a mesma, encontram-se distantes e sem oportunidades de aprender e conhecer este instrumental que hoje é parte da vida de todo cidadão. Oportunizando a estas duas gerações distantes cronologicamente, uma proximidade através da tecnologia, onde, ambos possam aprender, conviver e trocar experiências de vida e passar por momentos ainda não experimentados.

1.3 Hipóteses

No processo de desenvolvimento de uma proposta em que se promove uma relação de aprendizagem e o conhecimento entre pessoas de gerações distintas e troca de experiências, diversas variáveis podem intervir, tais como: o desempenho do Adolescente, desempenho da pessoa da Terceira Idade, atitude de ambos com relação ao computador, habilidades do Adolescente nas atividades relativas a essa tecnologia, a falta de habilidade da Terceira Idade, além da expectativa do aprendiz (Terceira Idade) e do empenho do Adolescente em ensiná-lo.

Com base nas considerações acima, algumas questões podem ser colocadas e verificadas em suas fundamentações durante o projeto:

- Os Adolescentes apresentam níveis mais avançados de desenvolvimento cognitivo com relação à tecnologia?
- Os Adolescentes não demonstram vontade em aprender e ensinar?
- A Terceira Idade não aprende com a mesma facilidade de um jovem?
- A relação entre jovens (Adolescentes) e Terceira Idade é realmente uma relação distante em que não há trocas de conhecimentos ou entendimentos?
- Os Adolescentes não têm empatia com pessoas da Terceira Idade e vice versa?

- Esse contato entre duas gerações pode trazer algum benefício para ambos?

Haveria percepção dos professores sobre o desempenho em sala de aula dos alunos que participam da proposta? Como é a avaliação dos Adolescentes feitas por esses professores, comparando-se o desempenho na habilidade de trabalhar com a tecnologia e em ensinar pessoas de Terceira Idade, analisadas por uma pessoa alheia ao grupo de alunos, a qual não tivesse nenhuma expectativa prévia sobre esse desempenho? Estariam esses resultados correlacionados?

Haveria correlação entre as percepções dos professores sobre aspectos comportamentais dos mesmos alunos?

Ter alguma familiaridade com a tecnologia auxiliará a Terceira Idade na solução de outros problemas?

1.4 Objetivos do Trabalho

1.4.1 Objetivo Geral

Desenvolver uma pesquisa que permita a análise das interações, habilidades e competências dos Adolescentes e pessoas da Terceira Idade durante o processo de desenvolvimento do projeto de ensino-aprendizagem entre os mesmos e suas relações com o computador.

1.4.2 Objetivos Específicos

Observar quais são os aspectos relativos à integração dos Adolescentes e Terceira Idade durante as aulas de informática.

Organizar atividades de alfabetização com tecnologia através do computador, acompanhando sua aplicação pelos Adolescentes .

Relatar o processo de desenvolvimento observado e sua efetivação, do ponto de vista das atitudes, tanto dos Adolescentes quanto da Terceira Idade frente ao computador.

Analisar se houve os níveis diferenciados de cognição em relação a tecnologia(computador) pelos Adolescentes e Terceira Idade.

Observar como a Terceira Idade apresenta interesse em aprender e o Adolescente em ensinar.

Levantar possibilidades de aprendizagem, empatia e troca de experiências entre Adolescente e Terceira Idade.

Observar se houve benefícios na relação Adolescente e Terceira Idade num momento de aprendizagem com a tecnologia.

Buscar conhecimentos junto aos professores sobre resultados ou mudanças dos Adolescentes em sala de aula.

1.5 Metodologia

A presente pesquisa pode ser classificada quanto sua natureza como Pesquisa Aplicada, devido sua aplicabilidade prática em conhecer os problemas para através deles elaborar meios de solucioná-los: o

analfabetismo da Terceira Idade quanto à tecnologia (computador) e a promoção da valorização pessoal dos Adolescentes (auto-estima).

Quanto aos seus objetivos, pode ser considerada como uma Pesquisa Descritiva porque visa dissertar sobre os fatos observados, descrevendo as características da população investigada (Adolescentes e Terceira Idade) envolvendo técnicas de observação sistemática e questionários.

Quanto ao aspecto dos procedimentos técnicos, esta pesquisa pode ser classificada como projeto tecnológico de parcerias, pois a mesma propõe colaborar com a solução de um problema coletivo que se apresenta com a falta de conhecimento da tecnologia por parte da Terceira Idade e a busca de um processo diferenciado ou desafiante de ensino para o Adolescente e os membros da pesquisa estão envolvidos num processo cooperativo e participativo.

A caracterização da presente pesquisa quanto o ponto de vista da forma de abordagem do problema pode ser classificada como pesquisa qualitativa, pois considera a relação entre o mundo real e o sujeito que não pode ser traduzido em números e quanto o método ou investigação científica utilizada que proporcionam suas bases lógicas, pode-se considerá-la pautada no método fenomenológico, pois a mesma é de significado e tem seus registros baseados no que os participantes sentem e dizem, preocupando-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. Interpreta-se o significado que os participantes tem no processo.

Os procedimentos relatados na presente pesquisa iniciaram-se com a criação, implantação e coordenação do projeto de parceria ente uma escola da cidade de Cascavel, dois membros do NTE¹ de Cascavel, a secretária, na época, da Secretaria de Assistência Social, uma Entidade Social de Cascavel, tendo como participantes diretos os Adolescentes e a Terceira Idade pertencentes à escola e instituição social respectivamente. Utilizou-se para o processo a tecnologia advinda do computador. Além da organização dos materiais e instrumentos de trabalho, acompanhamentos das atividades desenvolvidas pelos dez Adolescentes junto as dez pessoas da Terceira Idade. Fez-se a observação e análise do processo que se efetivou no contra turno dos alunos que estudavam pela manhã na referente escola.

Trabalhou-se, nesta pesquisa, no período de outubro de 1999 até novembro de 2000, com 10 alunos de séries variadas do Ensino Médio de uma escola estadual de Cascavel - Paraná, os quais foram convidados a participarem da proposta pelo NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional de Cascavel, através das Professoras Janice Parizotto e Celina Effgen) e, com dez pessoas da Terceira Idade de uma entidade Social de Cascavel que desconheciam totalmente a máquina (também convidadas), sendo que todos as pessoas que se apresentaram eram do sexo feminino.

1 - Núcleo de Tecnologia Educacional de Cascavel - trabalha com a capacitação de professores em Informática na Educação e Assessoria e desenvolvimento de Projetos Pedagógicos nas escolas públicas.

Envolveram-se ainda com a proposta a coordenação da escola, a entidade social com o encaminhamento dos idosos e a Secretaria Estadual de Assistência Social, na pessoa de Vigínia A. Marassi, responsável pela mesma época, que fez os contatos entre a entidade e o NTE, a qual participava da realidade da escola como membro do conselho escolar e ainda acompanhou o projeto buscando sempre informações sobre o mesmo.

Em 1999, houve apenas dois encontros onde formou-se a turma de idosos e Adolescentes; em 2000, foram promovidos no período de agosto a novembro, encontros semanais entre Adolescentes e Terceira Idade no ano de 2000, utilizando-se para isso o laboratório de informática da própria escola, disponibilizando 5 computadores, em dois horários (13:30 as 14:30 e 14:30 as 15:30), com cinco pessoas de Terceira Idade e cinco Adolescentes em cada horário. O projeto foi desenvolvido no contra turno dos alunos (Adolescentes).

Os roteiros foram elaborados pelos membros do NTE, os quais estabeleciam a seqüência do que seria trabalhado em cada aula.

Quanto à escolha das pessoas da Terceira Idade ficou a cargo da Instituição Social que não estabeleceu critério de seleção, apenas convidou-os e quem demonstrou interesse participou do projeto, já no caso dos Adolescentes, ficou a cargo da orientação educacional da escola, que teve dois critérios de escolha: o primeiro baseava-se no estabelecido pelo proponente do projeto que deveriam ter um conhecimento básico do computador e o segundo esteve ligado a indisciplina apresentada por estes

Adolescentes em sala de aula o que fazia com que os mesmos passassem mais tempo na orientação educacional com conversas sobre seus problemas (os chamados “sermões”) do que na sala de aula estudando e não apresentavam mudanças. Esta foi uma tentativa de resgatar estes Adolescentes considerados indisciplinados e até “sem futuro” por parte de alguns professores, para que os mesmos talvez pudessem mudar seu comportamento.

A proposição do projeto esteve na responsabilidade da Secretária de Assistência Social de Cascavel através de um membro do NTE de Cascavel e o acompanhamento através de dois membros desta mesma instituição.

Elaborou-se um questionário, apresentado no Capítulo III, que foi encaminhado aos envolvidos no do projeto de forma direta ou indiretamente para que se pudesse saber a posição deles quanto ao mesmo e o que isso trouxe de mudança para sua vida.

A revisão de literatura fundamentou-se em pesquisas bibliográficas sobre o tema escolhido e pesquisas na Internet com leituras sobre o assunto e na pesquisa *in loco*, com observação e análise dos fatos. E tendo as pesquisas na Internet e/ou pesquisas de campo dos procedimentos sobre a relação entre Adolescentes e Terceira Idade permeada pelo uso dos recursos tecnológicos (computador), complementando e estruturando o acompanhamento e observação do desenvolvimento do projeto entre Adolescentes e Terceira Idade em uma escola pública de Cascavel para estudo analítico e possíveis

conclusões. Permeado por visitas semanais entre os meses agosto de 1999 a novembro de 2000 aos encontros do projeto estava sendo desenvolvido, também foi incluído filmagem. Finalizando com relato dissertativo dos fatos mais importantes encontrado durante o projeto entre Adolescentes e Terceira Idade.

1.6 Estrutura da Dissertação

No desenvolvimento da dissertação é apresentado no Capítulo I - Introdução, a descrição das etapas correspondentes aos objetivos, justificativas, hipóteses, metodologia utilizada e a estruturação do trabalho.

O Capítulo II - O Contexto Tecnológico, O Adolescente e a Terceira Idade, aborda as perspectivas que a tecnologia apresenta em termos de vida, o que elas proporcionam ao ser humano e a desigualdade que ela pode promover, caso não se pense em formas de reduzir a falta de acesso a esta tecnologia pelas pessoas. Este capítulo também discorre sobre a adolescência, seus anseios, sua forma de agir, sua habilidade e familiaridade com a tecnologia e como a escola pode contribuir, oferecendo diferentes oportunidades para atingir estes jovens repletos de perspectivas quanto ao futuro. Na seqüência é abordada a Terceira Idade, sua distância da tecnologia e a falta de oportunidade que estes tem para que tenham acesso à mesma. Relatar-se-á as pequenas iniciativas de pessoas de Terceira Idade na busca do conhecimento do computador, suas dificuldades e conquistas.

O Capítulo III - Projeto de Integração entre Adolescente e Terceira Idade, busca a relação entre os capítulos anteriores e a relevância que estes trazem neste capítulo, através do relato e análise do projeto implantado em uma escola pública de Cascavel, onde se proporcionou a uma entidade social o contato direto com ambiente informatizado, possibilitando assim, aos membros daquela instituição, sua aproximação e integração com os avanços e inovações da tecnologia. Neste capítulo, ainda, se analisa a relação e a troca de experiências entre alunos (Adolescentes) pertencentes à escola pública e das pessoas de Terceira Idade da entidade social, os quais desenvolveram-se em atividades de conhecimento da tecnologia; o computador; e onde se fez o acompanhamento do desenvolvimento deste trabalho prático.

O Capítulo IV – Conclusões, apresenta as considerações finais, relata as conclusões a partir das análises feitas, como foi o experimento do projeto com parcerias e o que se observou em termos de possibilidades futuras, podendo-se assim, sugerir encaminhamentos e novas propostas.

CAPÍTULO 2

O CONTEXTO TECNOLÓGICO, O ADOLESCENTE E A TERCEIRA IDADE

2.1 Introdução

O século XX foi marcado pelo crescente desenvolvimento da tecnologia. Nos últimos cem anos, o homem foi capaz de produzir uma tal gama de conhecimentos e avanços científicos que superou tudo aquilo que a humanidade tinha produzido até então. Em um período de tempo relativamente pequeno, o homem foi à lua, dominou novas formas de energia, descobriu segredos do universo e foi capaz de mudar radicalmente o seu modo de vida. Quase todo o desenvolvimento experimentado neste século está, desta forma, baseado em algum tipo de tecnologia.

Neste contexto de desenvolvimento tecnológico, um segmento em particular tem sido responsável ou estado presente em praticamente todos os avanços experimentados, a informática. Pode-se observar que praticamente todas as inovações surgidas nos últimos vinte a trinta anos estão, de alguma forma, ligadas ao computador. Esta ferramenta única permitiu ao homem estender os limites de seu conhecimento e o advento da informática tem provocado uma verdadeira revolução em todos os campos da atividade humana. Conforme sustenta LÉVY (1998, p. 32): "Aprender, ensinar, informar-

se, conceber, ler, escrever, comunicar através de som, da imagem ou da linguagem: a maioria das atividades cognitivas são potencialmente redefinidas pela nova tecnologia intelectual que é a informática."

Da mesma maneira que evoluiu como máquina, o computador evoluiu como agente de desenvolvimento e aperfeiçoamento de outras tecnologias, transformações culturais e de transmissão de informação, além de modificar a maneira como os indivíduos vêem e interagem com o mundo à sua volta, tornando-se uma ferramenta indispensável e básica da sociedade da informação.

Todos os segmentos têm-se beneficiado das modificações introduzidas pelo computador, da agricultura às pesquisas científicas, do lazer aos processos industriais, fazendo prever novas mudanças e em um ritmo sempre crescente.

TAJRA(1998, p. 9) mostra estes aspectos da mudança quando coloca:

"Podemos verificar que, nos últimos anos surgiram, de forma nunca vista antes, tanto nos aspectos quantitativo e qualitativo, grandes mudanças tecnológicas, principalmente no campo da microeletrônica, as quais proporcionam o desenvolvimento em diversas áreas: econômica - inclusive na vasta expansão do capitalismo; industrial - com a gama de processos que passaram a ser automatizados e robotizados; engenharia - possibilitando cada vez mais edificações complexas; telecomunicações - possibilidade de nos comunicarmos por intermédio de aparelhos celulares; medicina - com a precisão dos resultados dos diagnósticos de doenças antes não detectadas em tempo hábil; aeroespacial - a criação do ônibus espacial possibilitando levar as pessoas e experimentos

à órbita da terra e devido retorno. Todas estas evoluções científicas foram também favorecidas pela informática, que possibilita o embasamento a aprimoramento dos processos de produção de pesquisa.”

A história dos computadores tem sido marcada por uma evolução contínua de máquinas e softwares, que provavelmente continuará se ampliando em termos de poder de comunicação, tanto individual quanto de massa. Não houve uma mudança significativa da tecnologia empregada, o que houve foi uma maior utilização, que se pode dizer em larga escala da mesma.

Tanta evolução, de forma tão rápida, como se pode observar, traz a necessidade de se estar atento para que esta não aumente, ainda mais, a desigualdade social já observada.

Para SANCHO (1998, p. 39):

“O sentido que dermos à nossa ação dependerá, entre outras coisas, da visão do mundo que adotarmos, de que sejamos capazes de entender como e em que sentido as diferentes tecnologias têm modelado a nossa compreensão e capacidade de ação e de como estivermos dispostos a transformar a nossa relação com os demais e com o meio ambiente. O nosso processo de compreensão e ação do mundo tem estado marcado, entre outros fatores, pela nossa experiência escolar. As tecnologias usadas no ensino escolar (instrumentais, simbólicas e organizadoras) modelam o desenvolvimento dos indivíduos e as suas formas de apreensão do mundo.”

Analisando esta colocação e as mudanças que a tecnologia trouxe, deve-se pensar em formas alternativas de compreensão do mundo e através da escola proporcionar aos jovens que buscam, querem e se adaptam com naturalidade as mudanças, outras opções.

SHAFF (1995) coloca que, a juventude que hoje tem acesso a toda esta tecnologia, passou por escolas que não conheciam a informática, que não se atualizaram e não ofereceram a esta juventude metodologias apropriadas de percepção da realidade e inclusão.

Conforme afirma MORAN (2000, p. 16):

“As mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social. Não temos muitas instituições e pessoas que desenvolvam formas avançadas de compreensão e integração, que possam servir como referência. Predomina a média - a ênfase no intelectual, a separação entre a teoria e a prática.

Temos ainda grandes dificuldades no gerenciamento emocional, tanto no pessoal como no organizacional, o que dificulta o aprendizado rápido. São poucos os modelos vivos de aprendizagem integradora, que junta teoria e prática, que aproxima o pensar do viver”.

Desta forma, esta é uma juventude que vive uma “relação que oscila entre dois extremos, o individualismo e o totalismo” (SHAFT, 1995, p. 103). Isto demonstra que, a educação deve rever seus métodos necessitando assim, buscar uma dupla construção entre projetos pessoais e projetos coletivos, que na visão de MACHADO (2000, p. 21) é definida:

“Tais projetos são estruturados a partir de uma arquitetura de valores socialmente negociados e acordados, na busca do delicado equilíbrio entre a conservação do que se julga valioso e a transformação em direção ao novo. Neste sentido, mesmo em tempos em que a meta mais explícita era a inserção em uma sociedade previamente existente, organizada de uma forma que não estava em questão, a educação sempre permaneceu - e sempre permanecerá - tributária de idéias utópicas. Sempre será

motivada pelo que é possível imaginar e não apenas pelo que é possível como possível; nunca poderá resumir-se apenas a utopias, mas jamais poderá prescindir delas. Frequentemente, inspirados por elas, os projetos educacionais buscam as condições de operacionalidade necessária para as fecundações e/ou transformações prefiguradas.”

Sendo assim, pensar numa proposta ou projeto que usufrua da tecnologia, favorecendo escola e população ao mesmo tempo, não seria de todo utópico, e poderia sim, trazer vantagens para a educação e também para a comunidade à margem dela, proporcionando uma integração social ainda que pequena, almejada pela política educacional brasileira e pregada como "solução" para alguns dos problemas brasileiros. MACHADO (2000, p. 23) comenta ainda que:

“No caso específico da educação brasileira, a ausência de um projeto coletivo tem sido confundida amiúde com a inexistência de algo como um Plano Nacional de Educação, bem como de uma legislação adequada. A atual Constituição (1988) prevê, inclusive, a existência formal de tal Plano, que orienta diretamente as ações educacionais, e um projeto de lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) tramitou durante quase uma década no Congresso Nacional, subjazendo certa expectativa de que a solução de muitos dos problemas educacionais decorreria de sua aprovação, o que, naturalmente, não ocorreu.”

Para que a sociedade colha frutos de uma educação e uma cultura onde estejam escola e comunidade beneficiando-se mutuamente e usufruindo uma da outra, apresentando soluções para os problemas que acontecem, necessita-se que caminhem juntas e comecem a tornar o aprendido na escola, parte da vida social do indivíduo, transformando realmente a informação em

conhecimento. De nada valeria uma sociedade tecnologicamente desenvolvida se os indivíduos que nela vivem não usufruem disso, ou ainda, nem tomem conhecimento de sua existência ou que fique apenas para alguns usufruírem (SHAFF, 1995).

Na perspectiva de PIAGET (1972), o papel do professor é o de propor situações de desequilíbrios, aguçando a curiosidade de seus alunos para novas descobertas, novos conhecimentos, favorecendo um ambiente de liberdade, de troca de experiências, de discussão, de proposição de situações e de desafios.

Pode-se complementar, ainda, que esse papel de transformar a informação em conhecimento, não seria somente do professor e do aluno, mas de toda uma sociedade, independente da classe social, ou da função que se ocupa nela. A transformação não se faz sozinho, mas num conjunto de pessoas que fazem a história da sua comunidade.

FREIRE (1996, p. 88) coloca isso de uma forma bem simples:

"A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo o nosso sonho.

...É a partir deste saber fundamental: *mudar é difícil mas é possível*, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.

... É importante salientar que o novo momento da compreensão da vida social não é exclusivo de uma pessoa. A experiência que possibilita o discurso novo é social. Uma pessoa ou outra, porém, se antecipa na explicação da nova percepção da mesma

realidade. Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à releitura e a releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto.”

Pode-se analisar que as tecnologias trazem para a escola e os jovens formas de reestruturar a sociedade em que vivem. Basta que estes se aliem num processo de cidadania e com isso possibilitem a certas camadas sociais com menos alternativas uma reorganização de suas estruturas e tenham assim, formas de agir dignamente numa sociedade com tantas transformações.

2.2 A Era do Conhecimento

No século XXI desponta a era da Telemática², que vem reunir os recursos da informática aos das telecomunicações. Ela surge embalada nos velozes *chips* de computadores, a reboque dos cabos e das ondas que a cada momento tendem a se superarem. Este aparato tecnológico começa a provocar uma verdadeira revolução cultural, tão profunda e intensa, que somente pode ser comparada à citada invenção da imprensa³.

A realidade acessível da Internet que ora se apresenta, é uma nova teia disseminadora do saber. Todos são testemunhas da história, pois se acompanha esta transição significativa que deverá implicar na democratização

2 - Ciência que trata da manipulação e utilização de informação através do computador e da telecomunicação.

3 - O alemão Gutemberg inventa, no Século XV, uma máquina que, utilizando tipos móveis, permite a reprodução rápida e barata de livros. Com isso houve uma surpreendente propagação do conhecimento, que em verdade, contribuiu muitíssimo para o surgimento de uma nova era.

do conhecimento humano de forma nunca antes imaginada. Todos esses avanços tecnológicos tiveram e sempre terão a sua importância.

Na visão de DELORS (2001, p.222) pode-se resumir bem este aspecto:

“O Século XXI, enfrenta assim, o seu maior desafio: o da reconstrução das comunidades humanas. Abundam os sinais de impaciências; as sociedades humanas pressentem que uma projeção linear das pesadas tendências do século que se aproxima do seu termo não augura um destino feliz. A massificação e ao individualismo que caracterizam a primeira geração de tecnologias da informação e da comunicação, levando ao paroxismo e modelo econômico triunfante, sucede-se, no momento, uma segunda geração tecnológica em que se começa a recuperar a idéia de interação em redes bem como o valor das relações de vizinhança (virtual). A sociedade cognitiva assentada na ética da partilha do conhecimento e em fenômenos de cognição que brotam de relações interpessoais sem fronteiras, que se tornam possíveis ao alastramento de valores pós-materialistas.”

É pensando no homem, enquanto ser social, que a educação precisa concentrar esforços nos conceitos norteadores de inovação e modernidade tecnológica desta Era do Conhecimento⁴. E, conforme DEMO (2001, p.26): "A educação não pode escapar da fascinação tecnológica, porque é no fundo a mesma do conhecimento".

Nesta Era do Conhecimento, onde as transformações não param, encontram-se, de um lado, os Adolescentes, já habituados a tudo isso, porém ansiosos por uma proposta que traga o sentido procurado para sua vida e que

4 - Era do conhecimento também denominada de Sociedade do Conhecimento ou Sociedade da Informação.

a partir disso possa oferecer no seu futuro uma sociedade mais humana. Do outro, a Terceira Idade, distante desta realidade e tentando encontrar meios para minimizar esta distância. Neste contexto, espera-se que alguma alternativa surja, oferecendo uma possível solução para ambos, ou quem sabe, uma proposta que possa diminuir, preencher de alguma forma, esta lacuna. A qual pode-se exemplificar com o projeto que será apresentado no próximo capítulo, que mostra a relação entre Adolescentes e Terceira Idade mediada pela tecnologia.

Neste pensamento, cabe também ao professor e à escola reavaliar suas opções, buscando desenvolver novas alternativas para transformar este quadro. Conforme a realidade de cada instituição, é possível conceber estratégias específicas, ajustadas ao cenário local, o que se traduz, na verdade, em todo um universo de opções possíveis.

Dentro desta realidade situa-se este estudo, que apresenta uma proposta de integração entre o Adolescente e a Terceira Idade, a relação entre estes junto a tecnologia-computador, como se situam cada um deles na sociedade da informação, quais as suas expectativas e como a escola pode promover a estes indivíduos de faixas etárias tão distintas momentos de trocas de experiências, onde eles podem auxiliarem-se nas dificuldades. Para isso, se discorrerá a seguir, sobre cada um deles, contextualizando-os dentro da sociedade da informação e como este processo atinge cada um deles.

2.3 O Adolescente

Dentre as diversas etapas a serem vencidas pelo ser humano, a adolescência talvez possa ser colocada como uma das mais marcantes, posto que sinaliza o fim de um ciclo bastante definido, a infância e, ao mesmo tempo, anuncia a chegada de uma outra e definitiva etapa, a vida adulta. A adolescência, assim, assume contornos de uma época de transições, quando, ao mesmo tempo em que se abrem uma infinidade de novas e fascinantes alternativas, também se apresentam inúmeras questões, as quais irão exigir, cedo ou tarde, uma tomada de posição por parte do indivíduo, com reflexos que se farão presentes por toda a sua vida posterior.

ZAGURI (1997, p. 26) apresenta estes aspectos colocando que:

“Em ambos os sexos, o desenvolvimento intelectual também é notável, com o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo, permitindo generalizações rápidas, bem como compreensão de conceitos abstratos. Em decorrência, a independência intelectual surge com força, muitas vezes apresentando-se como rebeldia em relação às autoridades em geral. Este fato está ligado a essa recém adquirida capacidade de abstração, reflexão e generalização a partir de hipóteses. Essa nova habilidade leva os jovens a uma abordagem mais filosófica e independente sobre quaisquer conceitos que lhe seja apresentados.”

Esta é, portanto, uma época de contradições, de angústias e de dúvidas quanto ao futuro, uma época de muitas perguntas e escassas respostas, mas, também, uma época de definições, realizações pessoais e descobertas.

É neste período de suas vidas que as pessoas passam a considerar

suas perspectivas quanto ao seu futuro pessoal, profissional e social, construindo hipóteses e verbalizando seus sonhos e anseios. É, também uma fase em que se tornam mais críticas quanto ao mundo que as rodeia, além de influenciáveis, principalmente por conceitos transmitidos através das mídias. Que pode-se complementar com a posição de ZAGURI (1997, p. 26): "Começam a questionar os princípios da sociedade, da religião, da política e até da família. Têm tendência a buscar novas alternativas, novas respostas"

Inseridos neste contexto estão diversos outros elementos relevantes, capazes de favorecer e impulsionar o desenvolvimento do indivíduo, ou, ao contrário, tornar-se empecilhos em seu caminho. Dentre estes elementos pode-se mencionar a família, a mídia, as tecnologias de informações e a escola, dos quais serão abordados apenas os aspectos relacionados com a tecnologia e a proposta que envolve escola, Adolescente e uma facção da comunidade.

A mídia e as informações, transmitidas alcançam a todos e principalmente os Adolescentes, pois sua forma democrática e direta de atingir as pessoas e levar as informações, dá a ela um poder de ação sobre o indivíduo de forma a mudar suas estruturas e conceitos mecânica e globalmente. Proporciona também, o despertar nos Adolescentes de variados interesses pessoais, porém não proporciona encaminhamentos para vida futura. Muito menos os prepara para as soluções de problemas da vida diária (STRASBURGER, 1999).

A escola, por sua vez, apresentou-se primariamente como o centro retransmissor de todo, ou quase todo, o conhecimento já produzido pelo homem em toda sua história. Cabe à escola, ainda, e talvez seja esta sua maior finalidade e tarefa, a formação de seres críticos, capazes de compreender as diversas facetas do meio em que se está inserido, aptos mesmo a produzir mudanças neste meio, enfim, cidadãos no sentido mais amplo da palavra. É responsabilidade da escola passar ao aluno uma leitura da vida, ou ainda, "leitura do mundo" conforme FREIRE (1999, p. 12).

Todos estes aspectos envolvem o Adolescente, levando a conflitos pessoais que podem mudar os rumos de sua vida. Por exemplo, o Adolescente apresenta um interesse latente pelo sexo e a mídia apresenta os fatos em relação a este assunto de forma casual, livre e sem prevenções e responsabilidades futuras, apenas enfatizando o lado do erotismo, sem uma interferência objetiva que possa orientá-los e tirar-lhes as dúvidas. E desta forma, estes jovens podem buscar outros rumos para sua vida futura, que podem não ser entendidos pelos adultos.

Parece ser de relevância, assim, a percepção e a análise das perspectivas futuras do aluno em relação ao que a escola tem a lhe oferecer e em face das exigências que a realidade irá lhe trazer.

Nas palavras de ALMEIDA e JÚNIOR (2001, p. 13): "Talvez nossa geração não tenha conseguido apontar ideais pelos quais esses jovens possam dedicar suas existências. Nós tivemos os nossos, mas não

conseguimos trazer-lhes outros que significassem caminhos dignos de dedicarem suas próprias vidas."

Sabe-se que os Adolescentes buscam constantemente desafios que mudem ou dêem sentido a suas vidas e esses desafios geralmente estão ligados com causas sociais ou com o seu futuro. Para ALMEIDA e JÚNIOR (2001, p. 13), isso é demonstrado pelos jovens em suas iniciativas quando coloca que:

"Os jovens de hoje, como os de todos os tempos, são imensamente generosos, criativos e heróicos. São capazes de morrer pelas causas em que acreditam. As manchetes dos jornais assim o testemunham todos os dias. Vemos quantos morrem em acidentes nos esportes radicais, quantos lutam entre si nos bailes *funks*, quantos se acidentam nas estradas em loucas corridas, quantos se alucinam no mundo das drogas, arriscando a saúde e a vida para não denunciarem os companheiros... São imensamente generosos."

Neste contexto, parece lícito considerar que se deve buscar uma investigação das perspectivas e anseios que os alunos (Adolescentes) têm em relação a seu futuro, incluindo-se aqui as influências advindas do trabalho da instituição escolar, seja como uma forma de se contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que se pretende estimular o debate em torno do papel da escola enquanto instituição formadora de opiniões.

A observação de que a época da adolescência constitui-se numa fase bastante significativa na vida das pessoas, coincide com um período da vida escolar também marcado por mudanças.

Esta época é marcada pela transição entre o ensino fundamental e o ensino médio, quando os alunos devem começar a pensar nas suas futuras opções profissionais, sua importância em termos de contribuição para a sociedade, além de demonstrar anseios por desafios e oportunidades de crescimento como ser humano.

Conhecer e saber avaliar as necessidades dos alunos de uma instituição escolar é, certamente, uma tarefa difícil e complicada, embora bastante importante e útil, na medida em que permite não apenas um melhor conhecimento da clientela com a qual se trabalha, mas também, e principalmente, permite ações, por parte de toda a instituição, no sentido de se oferecer a esses alunos oportunidades e estímulos que venham a traduzir-se em resultados positivos, quais sejam, a formação de futuros cidadãos, dotados de habilidades que lhes permitam desenvolver seu papel na sociedade. (ZAGURI, 1996).

Neste aspecto, não basta apenas saber quais são as necessidades concretas dos alunos. Importam, também, identificar os seus anseios pessoais, suas opiniões e suas expectativas quanto ao futuro que os espera. E então propor a eles formas atraentes e envolve-los em causa que eles gostem e que envolvam "melhorias pedagógicas e compromisso social (ASSMANN, 1998, p. 32)." Pois dentro de que se colocou anteriormente, os jovens querem uma escola que lhe ofereça desafios e que envolva a visão de sociedade que ele planeja para si.

2.4 Mudanças nos Paradigmas Educacionais

Vive-se no início do novo milênio. Tempos que anunciam o alvorecer de uma nova era, que se promete repleta de novas idéias e pensamentos. Contudo, novas idéias e pensamentos significam, inapelavelmente, mudanças, em todos os campos que se possa imaginar.

Dentro do espaço da escola, as mudanças que surgem demonstram ser inevitáveis, porém a maneira como se vai lidar com elas, determinará o futuro destas instituições, dos alunos, e, finalmente, das pessoas em si mesmas, produto que são, também, daquilo que lhes é transmitido durante suas vidas escolares.

"Se se deseja professores que sejam novos personagens comprometidos com as mudanças estruturais da sociedade capitalista, a educação a eles direcionada não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios, a quem o mundo encha de conteúdos. mas sim a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (CUNHA, 1989, p. 30)."

Isto representa um desafio à educação atual que ainda trabalha dentro de uma postura pedagógica tradicional, pois significa introduzir mudanças no processo de ensino-aprendizagem e, ainda, nos modos de estruturação e funcionamento da escola e de suas relações com a comunidade.

Tais considerações sobre a formação de professores, em seu engajamento na construção de um novo projeto político pedagógico para a

sociedade, remetem ao domínio das técnicas e instrumentos de apoio didático, com uma posição também de críticos das mídias, as quais devem proporcionar-lhes oportunidades de revertê-las a seu favor.

Independentemente dos recursos didáticos disponíveis, existe necessidade de um compromisso político-pedagógico entre o professor e seus alunos (Adolescentes). Por mais democrático que possa ser o aparelhamento escolar, o comprometimento do professor de munir-se de habilidades e conhecimentos que permitam ao jovem uma maior "consciência para o exercício pleno de sua cidadania" assume vital importância (FREIRE, 1997).

Parece claro que, no atual sistema educacional em funcionamento, existe um forte movimento no sentido de uniformização do indivíduo, orientado para a massificação e a obtenção de resultados. Tal política tende a ignorar os talentos e habilidades individuais, deixando de proporcionar o correto desenvolvimento das diversas capacidades intelectuais presentes em todos os seres humanos, com o efeito potencial de restringir o desenvolvimento não apenas das capacidades inatas de cada indivíduo, mas também o aprendizado de conteúdos básicos para sua formação (ZAGURI, 1996).

O conceito de uma qualidade educacional, implícito, pressupõe a introdução de melhorias nos processos de construção do conhecimento, aliada a uma busca de estratégias que sejam mais adequadas à produção de conhecimentos atualizados. Da mesma forma, desenvolver no educando a habilidade de gerar conhecimento novo ao longo da vida implica na

diversificação dos espaços do conhecimento, dos processos e metodologias (MORETO, 1999).

Cabe à escola, como parte de seu papel formador e construtor de cidadãos, que não é novo, como podem pensar alguns, também a tarefa de buscar descobrir quais os anseios de sua clientela, quais suas necessidades reais e concretas, e entre estas, quais, a escola, enquanto instituição pode e deve preencher. Constitui compromisso da escola, ainda, procurar desvendar quais as perspectivas que está apresentando a seus alunos, de que forma está contribuindo e influenciando em seu futuro, de modo a tornar possível uma análise correta de suas ações, modificando aquelas que se fizerem necessárias e aprimorando as que já se fazem adequadas (TIBA, 1998).

2.5 O Conhecimento e Habilidades do Adolescente

Cabe ressaltar aqui o conceito de capital intelectual⁵, que considera a capacidade humana de inovar, criar e reinventar como o grande "produto" a ser desenvolvido nos alunos, com vistas aos novos desafios que se impõem em ritmo cada vez maior (RATTNER, 1985).

Nesta acepção, a escola de hoje deve estar atenta na construção do jovem bem informado, preparado para o milênio da Tecnologia e, por esta

5 - "O capital intelectual constitui a matéria intelectual - conhecimento, informação, propriedade intelectual, experiência - que pode ser utilizada para gerar riqueza e obter vantagens competitivas, "o capital humano é a capacidade, conhecimento, habilidade de gerar riquezas (STWART, Thomas, 2000, p.7)".

razão, deve oferecer condições de assimilação para temas relevantes e de se envolver em atividades diversas.

As realidades competitivas estão mudando e não apenas as posições no mercado, sendo que o capital intelectual é o que passou a contar. Saber correr riscos, buscar oportunidades, exigir eficiência, estar comprometido, tomar iniciativas, e uma gama de outras características do gênero, passaram a constituir o perfil do profissional do futuro, e a Escola deve estar comprometida com esta formação.

"O mundo passou a ser de gente bem informada e que saiba informar. É a civilização digital, onde todos devem estar conectados, o que impõe disseminação do conhecimento relevante, raciocínio ágil, criatividade, paixão por aprender, motivação para agir, espírito olímpico. Estes requisitos, hoje, são fundamentais a uma boa educação (LUDWIG, 2000, p.10)."

Transparece, nas palavras de Ludwig, a conclusão de que a escola deva voltar suas ações para a formação de indivíduos dotados destas capacidades, sintonizados com as novas realidades e participantes efetivos deste processo. Isto pressupõe o abandono de antigas práticas de ensino, centradas em uma hierarquia rígida de transmissão de conhecimentos enciclopedista, que exclui o aluno do processo de construção do conhecimento.

Diante de tantas colocações, resta perguntar então, o que a escola oferece aos jovens, quais os benefícios que lhes proporciona que não apenas

a transmissão de conhecimentos, e quais as perspectivas que se abrem para eles em decorrência das ações da escola? Será que a escola, tão criticada, ainda tem algo a oferecer?

Por fim, deve-se levar em conta as influências familiares, considerada o grande pilar de apoio do ser humano, seu primeiro e último abrigo. As influências de origem familiar transparecem nos comportamentos sociais, nas demonstrações de valores morais presentes nas respostas, nas colocações acerca de questões como sexo, drogas, violência e no desejo manifestado de paz (TIBA, 1998).

Desta forma, as constantes e velozes transformações por que tem passado o mundo refletem-se de forma profunda em todos os campos da atividade humana, gerando outras oportunidades, pessoais, econômicas e profissionais em níveis ainda não testados e pensados.

Estas oportunidades, porém, trazem consigo o surgimento também de novas exigências, na medida em que se necessita de indivíduos mais abertos e preparados para a compreensão das novas realidades.

Parte tradicionalmente integrante do processo de formação humana, a mídia, a tecnologia, dentre elas a Internet, têm sido apontadas como elementos chave para a continuidade e a implementação destas mudanças. Entretanto deve-se propor uma melhor utilização destes ferramentais tanto pela mídia quanto pelos meios de comunicação, quanto pela própria família e principalmente pela escola.

Esta concepção de atualização e, melhor utilização das novas tecnologias coloca à escola a necessidade de também evoluir apropriando-se das tecnologias, acompanhando as novas tendências e buscando preparar sua clientela para essas e outras possibilidades.

Na busca desta evolução, surge a necessidade de identificar o que a escola está oferecendo aos jovens, em termos de possibilidades para o futuro, tarefa que demanda o conhecimento do que os jovens pensam a respeito da vida e o que esperam da mesma.

Com efeito, parece haver um *déficit* muito grande em termos de aprofundamento deste processo escolar, na medida em que não se tem, em termos gerais, formado cidadãos conscientes, indivíduos habilitados a extrapolar os limites daquilo que enxergam (principalmente, através da mídia), que sejam capazes de apropriar-se dos elementos pertinentes ao contexto social e profissional, construindo uma simbiose entre eles e os seus propósitos, de forma responsável fazendo com que, aquilo que é transmitido pela escola, tenha conexão com os saberes do aluno, onde ele possa transformar a informação em conhecimento, utilizando-os com sabedoria.

Busca-se então, propiciar uma reflexão a respeito da problemática, estimulando os profissionais de áreas que atuam com Adolescentes a avaliar criticamente suas ações pedagógicas e metodológicas e, quem sabe, contribuírem, também eles, para a melhoria do processo de desenvolvimento e formação do indivíduo, propiciando, através de projetos em parcerias e

utilizando-se dos benefícios da tecnologia (computador), momentos que levem estes jovens a sentirem-se capazes e competentes, como em um trabalho com o pessoal da Terceira Idade, onde se acredita haver uma grande possibilidade de troca de experiências e crescimento humano.

Na posição de ALMEIDA e JÚNIOR (2000, p. 42) isto é colocado da seguinte forma:

“Na educação escolar também precisamos de parceiros. Os primeiros e mais naturais são aqueles que estão bem próximos de nós. Os alunos da escola ao lado, o padeiro da esquina, o jornal do bairro, os pais e as mães, o clube de futebol do bairro ou associação comercial. Acreditamos que a escola compromissada com a cultura deve incentivar os alunos a definir, primeiro, a sua identidade, o que só pode ser conseguido por meio do contato com sua comunidade e seus valores. Essa formação de identidade talvez defina muito do que deve ser feito em termos de parcerias. O mais importante é a primeira etapa para pensar globalmente.

A grandeza da informática não está em sua capacidade de aumentar o poder centralizado nem na sua força para isolar as pessoas em torno da máquina. Aquela figura do geniozinho que domina todos os controles e entra nos computadores da Nasa é retrógrada e valoriza um tipo que é anti-humano.

A grandeza da informática encontra-se no imenso campo que abre à cooperação. É uma porta para a amizade, para a criação de atividades cooperativas, para a cumplicidade de críticas solidárias aos governos e aos poderes opressores ou injustos. Enfim, as redes informatizadas propiciam a solidariedade, a criação e desenvolvimentos de projetos em parcerias.”

Esta posição traz a idéia que o projeto desenvolvido e que será apresentado no capítulo seguinte, onde se quer mostrar uma parceria entre

jovens e Terceira Idade utilizando a tecnologia, trouxe benefícios e aprendizagem para ambos. E dentro deste aspecto, necessita-se fazer também uma abordagem e contextualização sobre a Terceira Idade, que está nesta "roda viva" de transformações, porém não tem acesso a ela, como é o caso da população de instituições sociais que fizeram parte do projeto. Pois a Terceira Idade que tem acesso à tecnologia e não sofre tanta discriminação social pertence à classes sociais de níveis econômicos melhores.

2.6 A Terceira Idade no Contexto Social

Algum tempo atrás se percebia que uma pessoa de 40 anos de idade já era considerada uma pessoa de Terceira Idade. Atualmente, com uma maior perspectiva de vida, esta faixa elevou-se, o que se reflete na própria legislação brasileira que passou considera-la fator determinante para aposentadoria. Desta forma, vive-se mais, graças aos avanços das ciências e da tecnologia, e tem sido possível, nas últimas décadas deste século, uma maior qualidade e expectativa de vida.

De 1995 a 1999, o número de pessoas com mais de 60 anos cresceu 14,5 %, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico 2000). Isto mostra que, em quatro anos, a população de idosos aumentou em 1,8 milhão. A causa é a associação da redução da fecundidade com a queda da mortalidade. Esta transição demográfica colocará

o Brasil, dentro de 25 anos, em 6º lugar entre os países que detém as maiores taxas de envelhecimento.

Como lidar socialmente com uma população que envelhece? Que lugares devem ocupar estes adultos maduros, cada vez mais lúcidos e sadios? Como fazer diante das suas reivindicações de ocuparem novos espaços dentro da sociedade e não mais à margem dela? Como promover mais e melhor qualidade de vida a esses anos que foram acrescentados à expectativa de vida daqueles que envelhecem? E ainda como evitar que estas pessoas não fiquem á margem da informação e da tecnologia ou do acesso delas?

A expressão Terceira Idade foi cunhada pelo gerontólogo Huet, no contexto de medidas que países europeus, particularmente a França, na década de 60, adotaram para fazer frente ao envelhecimento populacional. Também considerada como melhor idade ou maior idade, ela se refere a um período da maturidade que associa dois fatos significativos: a consciência de uma experiência de vida já alcançada e o afastamento do mercado formal de trabalho remunerado. Todavia, a subordinação exclusiva do trabalho ao critério econômico inibe outras possibilidades de ocupação do tempo de vida, também indispensáveis para uma maior realização pessoal, pois ninguém se aposenta para a vida (OLIVEIRA, 2000).

KALACHE (2000) apresenta uma divisão entre período de envelhecimento e velhice. Considerando "envelhecimento", o período de tempo que vai entre os 55 e os 75/79 (a idade cronológica é sempre relativa,

não pode ser tomada como única variável) e "velhice", o período que se estende a partir dos 80 anos. Na realidade, o conceito de velhice depende mais da idade funcional, que leva em consideração a autonomia do indivíduo e sua capacidade de realizar sozinho as tarefas cotidianas (tomar banho, cozinhar, fazer compras, fazer computação, etc.).

O envelhecimento é um processo gradual, natural, universal inexorável; estruturado ao longo do tempo e que se caracteriza por mudanças e transformações em nível bio-psico-social (KALACHE, 2000).

Geralmente, a partir da meia idade, os indivíduos, começam a tomar consciência do tempo; se sentem passageiros do tempo, a mais inexorável e tirana das dimensões na percepção do ser humano (KALACHE, 2000).

Na medida que o homem toma consciência do tempo e começa a vivenciar mais perdas, sente a necessidade de se voltar para seu mundo interno, para refletir sobre sua condição de estar "envelhecendo" e sua posição frente a esse fato (KALACHE, 2000).

Segundo HEINSIUS (2000, p.21),

"... no campo da saúde, se considera como de vital importância: a promoção da saúde mental e dentro desta área, uma função psíquica saudável (embora às vezes mal vista por alguns) é a reminiscência. A reminiscência é a possibilidade de lembrar pensando ou relatando fatos do passado; reforçando a identidade, ao dar-lhe uma vivência de continuidade à vida, no sentido de história de vida.

Através da reminiscência o idoso consegue articular o presente com o passado e

desde aí, projetar o futuro. Valorizar o passado aumenta a auto-estima e permite transmitir às novas gerações fatos históricos, de modo de manter a memória coletiva da sociedade.

A reminiscência tem também a função de permitir dar um novo significado ao vivido, rever algum acontecimento, traumático ou não, talvez conflitivo, e efetuar uma releitura de forma mais adequada, agora com novas experiências. Assim, lembrando se estimulam os lutos, necessários para deixar energias livres para poder serem usadas no presente.

A reminiscência também, mostra o trunfo da vida, porque só se pode ser velho se a morte não chegou antes.

Outros aspectos relacionados à velhice são os medos. Os medos são mais freqüentes e intensos e estão relacionados com a tomada de consciência do tempo, com as idéias de velhice, de morte e de solidão. A velhice é identificada como deterioração física e psíquica, perda de autonomia e proximidade da morte e do desconhecido 'depois' dela".

O ano de 1999, foi considerado o Ano Internacional dos Idosos (Anexo 3). Deve-se mencionar os princípios das Nações Unidas - ONU, adotados em Assembléia Geral (resolução 46/91) no 16 de dezembro de 1991. Nessa ocasião se propôs que os governos incorporassem estes princípios aos seus programas nacionais quando fosse possível. Alguns pontos a destacar nesses Princípios são: independência, participação, cuidados, auto-realização e dignidade.

2.7 A Terceira Idade e os Direitos Humanos

A questão dos direitos humanos adquire nova e inusitada dimensão, quando considerada à luz do crescimento demográfico de todo o mundo, em especial da América Latina, já que envolve, em relação à Terceira Idade, diversos aspectos que não se pode ignorar. Tanto quanto proteção social, condições dignas de sobrevivência e assistência médica eficiente, num período em que as doenças se agravam, a questão dos direitos humanos na Terceira Idade origina exigências de respeito, acatamento, acesso às informações e à tecnologia, reverência e solidariedade, tão importantes quanto os aspectos materiais da vida.

O recente relatório do Fundo das Nações Unidas para a População chama atenção para o fato de que, no ano 2025, a América Latina terá acrescentado à população atual mais 499 milhões de habitantes, mais de 190 milhões de cidadãos, para os quais será necessário garantir condições de existência condigna, sobretudo acesso ao mercado de trabalho, sem dúvida um enorme desafio num mundo de incerteza e insegurança crescentes.

É nesse contexto que o Brasil, país jovem e de jovens, vê, agora, se alterar seu perfil demográfico, face ao crescimento do número de pessoas de mais de 60 anos. Como o país mais populoso, dentro de pouco mais de dez anos, a população brasileira acima de 60 anos deve ultrapassar os 13 milhões de habitantes, virtualmente a metade de toda a América Latina tornando-se talvez, a quinta maior nação em idosos.

"Envelhecer é um triunfo", observa KALACHE (2000, p.5), "mas para usufruir a velhice é preciso dispor de políticas públicas adequadas que possam garantir um mínimo de condições de qualidade de vida", para os que atingem a Terceira Idade.

Políticas estas que já vem sendo analisadas e implantadas, mas que não resolvem os problemas decorrentes da visão que a sociedade tem do idoso, como um ser improdutivo e sem utilidade.

Um aspecto que merece atenção é exatamente a constatação de que, em vários países da América Latina, cerca de 40% da população economicamente ativa trabalham na economia informal, sem vinculação a qualquer sistema público ou privado de seguridade social. A maior parte da população em idade produtiva necessitará, no futuro, de serviços hoje inexistentes, ou em outras palavras, de políticas públicas de proteção e assistência social (MATURIDADE, 2000).

Como a maioria das constituições do pós-guerra, o texto constitucional brasileiro de 1988 ainda é, para os idosos, uma elogiável declaração de intenções quando prescreve em seu artigo 229 que "os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade". O Artigo 230 ainda é mais explícito quando determina que "a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e

garantindo-lhes o direito à vida", completando no seu parágrafo primeiro que "os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares".

Esses dispositivos constitucionais foram regulamentados pela Lei 8.842/94 (Anexo 2) e devidamente implementados por Decreto do Presidente Fernando Henrique Cardoso, efetivando medidas que se inserem no conjunto de mudanças institucionais que estão modernizando o País.

"A realidade brasileira, porém, apresenta dificuldades que não se pode ignorar para que todas as intenções se materializem. A começar pela circunstância de que, nos dias de hoje, 53% da população economicamente ativa não contribuem para a seguridade e a previdência pública, e só uma parcela não correspondente a mais de 5% pode contribuir para os planos privados de saúde, cuja política em vigor até pouco tempo, penalizava dramaticamente os maiores de 65 anos, a ponto de impossibilitá-los do desfrute dos serviços de saúde, independentemente do tempo de contribuição. A lei recentemente aprovada pelo Congresso e em via de regulamentação, seguramente preservará os direitos dos mais idosos. A despeito disso, sabe-se que os planos de cobertura integral são inacessíveis à maioria dos trabalhadores.

Os níveis de remuneração da imensa maioria dos mais de 17 milhões de aposentados da previdência pública, inclusive aqueles da área rural que nunca contribuíram e recebem uma pensão mínima, igualmente assegurada aos da cidade que não dispõem de renda ou meio de subsistência, terminaram por tornar obsoleta e discriminatória a definição usual de "inativo" para os que têm a situação de aposentados pelo sistema público do INSS, obrigados a continuar trabalhando para que possam sobreviver. Isso demonstra como é urgente e imprescindível a reforma previdenciária, ora pendente de aprovação final no Congresso Nacional. Se o estado não for redirecionado para os seus deveres elementares de garantir a subsistência e assistência adequada dos 13

milhões de idosos que em menos de 10 anos atingirão a idade de 65 anos, não haverá no País carga fiscal suficiente para assegurar bem-estar e direito à vida a esse enorme contingente que experimenta um crescimento sem precedentes.

Esses aspectos mostram que a política social em favor dos idosos corre o risco de ser uma batalha perdida, se não houver consciência de que essas ameaças não são problemas deste ou daquele governo, deste ou daquele país, mas de todos os governos, de todas as nações, de toda a sociedade, de toda a família.

Instituições políticas estáveis, de racionalidade econômica e de efetivo amparo social, incluído um sistema previdenciário eficiente e justo, são requisitos essenciais não só à proteção e garantia dos direitos humanos para todos, mas também para os idosos.

Por fim, a ética da convivência social impõe, também, o dever moral de se educar as novas gerações, na convicção de que os idosos representam, além de outras virtudes, a de acumular um cabedal de sabedoria e de experiências que só a vida proporciona, como um valor indispensável e insubstituível que só os anciãos carregam. "Eles são fator de equilíbrio, tolerância e comedimento na vida familiar e na vida social. Sua experiência, portanto, tem que ser aproveitada, valorizada e estimulada" (MACIEL, 2000, p.2).

Quando se quer exemplificar pessoas que se mantiveram ativas e produtivas em idades avançadas, os nomes de escritores, pintores, músicos, artistas e intelectuais em geral, são sempre citados. Alguns estudiosos do envelhecimento humano, como Kalache e Frutuoso, vêem mais do que uma simples coincidência nesse fato. Aquelas pessoas dedicaram-se a um trabalho de realização pessoal, dando vazão as suas potencialidades, e este acabou por energizar suas vidas.

Nem todos podem pautar seus dias por trabalhos capazes de

corresponder aos seus anseios de plenitude. A esses, porém, a aposentadoria pode representar a linha depois da qual começa a liberdade para as conquistas e os desafios que a generatividade⁶ oferece.

Mais do que um trabalho, porém, a generatividade compreende uma mudança de comportamento capaz de fazer aflorar aquela parcela da personalidade que não teve tempo antes para se expandir. Dessa forma, qualquer pessoa tem possibilidades a serem motivadas, porque a satisfação vem mesmo é de um novo significado da vida:

Segundo VARGAS (1983, p. 125),

"Embora o rejuvenescimento não exista cientificamente em termos médico-farmacológicos, sob o ponto de vista psicológico constata-se freqüentemente que certos indivíduos rejuvenescem quando mudam hábitos e corrigem erros de uma vida inadequada à felicidade." "Pois, se envelhecer é inevitável, não há necessidade de fazê-lo antes da hora, quando o organismo humano tem, em princípio, todas as condições de funcionamento. Se a idade realmente diminui algumas aptidões da pessoa, e ao mesmo tempo favorece e desenvolve outras." "Encontrar ocupações, desenvolver atividades, sejam elas quais forem é de extrema importância para a saúde e felicidade do velho." "os lazeres da terceira idade devem ser considerados como terapêutica tanto psicológicas como social." "... suscitar o aprendizado de atividades novas, onde os clubes, as férias e as viagens organizadas têm um papel de destaque."

Vargas apresenta um decálogo que poderia ser considerado o que ele sugere para que um idoso consiga ter uma boa qualidade de vida . Que são:

6 - Capacidade de produzir, originar ou criar, produtividade. Prolífico, fértil, produtivo. (<http://school.discovery.com/dictionaryplus/index.html>)

"a) ritmo adequado de vida : evitar a estafa e saber compensar o cansaço com repouso e sono; b) manter contato com o mundo exterior (passeios, conferências, visitas e viagens). Não se deixar confinar na solidão. Cultivar o bom-humor; c) vida sexual mais intensa e cumulada com forte afetividade; d) fazer exercícios físicos; e) comer devagar, especialmente muitas proteínas; f) beber muita água e evacuar toda manhã; g) não fumar e não beber -até quarenta cigarros por dia vive-se menos cinco anos; meia garrafa de bebida alcoólica diariamente equivale a menos dez anos; h) desenvolver uma atividade laborativa de que goste e interessar-se por um tipo de arte; i) assumir sempre alguma responsabilidade, mesmo se aposentado; j) conviver de preferência com a família, porém ter suas próprias economias."

Por que muitos vêem a vida como o carregar de um insuportável fardo sempre mais pesado com o acúmulo dos anos, enquanto outros parecem mais felizes a cada dia? Vários fatores conjugam para isso, mas entre eles, a inatividade, forçada ou não, tem grande importância.

Talvez, uma das faces mais cruéis desta sociedade, fanaticamente voltada para a juventude, seja a condenação à ociosidade – às vezes travestida de um pretenso humanitarismo – das pessoas idosas. Esta atitude, choca-se com a opinião dos especialistas como Vargas que, há muito tempo descobriram o efeito altamente benéfico das atividades no bem-estar físico e psíquico das pessoas de Terceira Idade.

No Século XX, a expectativa de uma vida mais longa, e a experiência de se tornar idoso foi um processo tanto mental quanto físico. Assim como outros grupos etários, os idosos enfrentam mudanças que desafiam seu bem estar físico e mental assim como: mudanças de comportamento físico e mental;

mudanças de papéis sociais; mudanças de interesses e oportunidades; mudanças na situação econômica. Nem todas estas mudanças são positivas, mas se pode lidar com o "ser idoso" de forma a obter vantagens, experiências e gratificações se estiver preparado para enfrentar desafios e obter excelente qualidade de vida (VARGAS, 1983, p. 25).

Convém assinalar que não existem normas de idade, mas diferentes padrões de envelhecimento, posto que todos sabem que existem velhos com grandes variações em seu estado físico e seu estado cognitivo-intelectual (quer dizer, envelhecimento diferencial). O envelhecimento cronológico é um dos múltiplos fatores que influenciam o processo da velhice. Quando se estuda a velhice desde a ótica da psicologia, destaca-se de grande influência sobre o psiquismo de quem se torna velho, não só a própria percepção da velhice, como também a atitude frente à idade (VARGAS, 1983).

Pode se dizer que a percepção da própria velhice por parte de cada pessoa está em íntima relação com seu passado e sua situação presente. A atitude com respeito a idade vai determinar algumas mudanças, que por sua vez, dependem de fatores específicos do entorno e da capacidade para assimilar os sucessos estressantes que acontecem ao longo das etapas anteriores de sua vida.

Dito isso, pode se afirmar que o envelhecimento é um fenômeno universal, porém heterogêneo em sua forma de apresentação e desenvolvimento. O envelhecimento, como processo de interação do intrínseco

com o extrínseco de cada pessoa, não é um fenômeno na qual submete-se com passividade. Aprender a envelhecer é uma luta cotidiana que se deve exercitar com maior interesse e importância. Dará uma melhor qualidade de vida. Esta qualidade da psique não é senão o resultado do exercício das capacidades de adaptação, habilidades sociais e faculdades cognitivas, segundo as circunstâncias de cada pessoa. Eixos como, situação social (gerontofobia e prejuízo social), a situação familiar (laços, vínculos, relações) próprio estado civil (casado, viúvo, solteiro), situação habitacional, nível de estudo, situação econômica e estado de saúde, é que vão influenciar decisivamente na formação do perfil psicológico individual (VARGAS, 1983).

As mudanças que imprime a idade não são inevitáveis; contudo, alguns assim o crêem. O que se demonstra é que a alteração psíquica se relaciona com o agravamento da saúde e com as mudanças extrínsecas vividas como muito estressantes (sobretudo, quando a pessoa não está preparada para elas).

Em geral, se evidencia que a desintegração da personalidade influi decisivamente tanto na falta de interação social como na inatividade física e psíquica (BELAS, 2000).

Considerar a personalidade como uma bagagem de qualidade, e que cada pessoa é possuidora de um estigma e estilo característico em sua forma de ser e de atuar ao longo de sua vida, o envelhecimento e as possíveis mudanças da personalidade poderão ser o resultado de aprendizagem e

desenvolvimento. O curso dos acontecimentos vitais de cada pessoa, sua vivência e percepção, possui uma notável influência no índice de satisfação pessoal (BELAS, 2000).

Acredita-se que seria errôneo considerar a maturidade sob um ponto de vista único, achando que o envelhecimento anula as diferenças individuais. Acontece exatamente o contrário. A idade não apaga as diferenças sociais, culturais, geográficas etc. E ainda mais: no envelhecimento a pessoa vai acentuando suas características próprias num processo chamado de individualização, o que torna a maturidade à fase da vida onde as diferenças entre as pessoas ganham maiores evidências (BELAS, 2000).

Analisando os aspectos colocados, poder-se-ia dizer que a Terceira Idade contudo, pode ser aproveitada, não apenas em sua sabedoria e experiências, mas sim, em sua produtividade e também sua cognição que não fica estagnada, mas que tem potencial e latência, dependendo do que lhe é oferecido para que esta seja motivada e evidenciada.

2.8 A Terceira Idade no Contexto da Tecnologia

As transformações que o mundo vem passando diante da sobrecarga de informação atualmente gerada, afeta a todos. Isto leva ao questionamento de como devem estar sentindo-se as pessoas de Terceira Idade, que encontram-se na sua grande maioria à margem do social e da tecnologia?

A posição diante disso não deve ser de que "nada pode ser feito". Segundo LORDA (1998, p. 35) há uma grande necessidade de que todos "atendam e entendam o mundo dos anciãos, coordenando também com os outros 'mundos', o das crianças, dos jovens e dos adultos". Desta forma, apresentar alguma alternativa, principalmente em relação ao uso da tecnologia por e para essas pessoas, mesmo que pequeno, já pode ser considerado um passo, que conforme afirma Ávila "Nunca es temprano ni demasiado tarde para aprender" (Ávila, p.2, 2001)

Pesquisadores brasileiros como Lorda, procuraram explicar o grande número dessas pessoas idosas e sua vitalidade e encontraram nas atividades desenvolvidas por elas uma das chaves do segredo. Seus concidadãos mais jovens não vêem seu trabalho como um estorvo ou concorrência – ao contrário, sua sabedoria é motivo de admiração e fonte de inspiração.

Segundo LORDA (2000, p 42.):

"a educação permanente para idosos vem sendo oferecida por um número crescente de Universidades da Terceira Idade. Apesar disso, os psicólogos escolares parecem pouco atentos a esses aprendizes. Algumas hipóteses que podem explicar a falta de estudos teóricos e pesquisas sobre estudantes mais velhos são:

- a) pouca literatura nacional disponível sobre esse tema específico;
- b) falta de consenso quanto a definições do sujeito do processo educativo;
- c) dificuldades em estabelecer objetivos educacionais;
- d) dificuldades em avaliar a adequação desses objetivos ao atendimento de necessidades e interesses potencialmente diversos de grupos etários muito variados.

Não existe incompatibilidade entre envelhecimento e produtividade, embora algumas pessoas ainda pensem o contrário. Para comprovar isso basta lembrar os nomes de personalidades que se mantêm produtivas nos anos mais maduros, ou simplesmente olhar os exemplos cada vez mais numerosos de pessoas comuns, próximas ao cotidiano de todos. Importante também é distinguir entre o envelhecimento físico e a capacidade para o desenvolvimento e a participação social. Mesmo pessoas com problemas de saúde ou muito idosas continuam a manter intacta a sua capacidade para o aprendizado, o envolvimento social e a produtividade. Habilidades estas que crescem com a idade, na medida em que o acúmulo de experiências tende a produzir uma base mais sólida e profunda para o aprendizado de novos conhecimentos. Outras habilidades também crescem com a idade, incluindo a habilidade de lidar com outras pessoas, apontar um problema antes que ele surja, ver o significado de um quadro como um todo, intuindo seu significado mais profundo e sem se deixar enganar por apenas um detalhe.”

Contudo, existem diversos outros fatores que podem levar pessoas de Terceira Idade a apresentar um desempenho não esperado por muitos. Um deles é o de lidar com as novidades que os rodeiam como o caso do computador e da internet.

Um exemplo que pode ser citado é apresentado pelo grupo da Maturidade da cidade de São Paulo, onde Helga Szmuk participa, que aos 78 anos "navega" com desenvoltura pela Internet, encontrando vantagens bem maiores nisso do que naquelas feitas de automóvel. Não só a alegria dos passeios foi-lhe devolvida, mas ela descobriu também outra fonte de atividade. Pôde colocar ao alcance de milhões de pessoas, através de uma página que mantém na rede, os seus conhecimentos sobre astronomia. Essa é uma antiga

paixão de Helga, herdada do seu pai, comandante da marinha inglesa. Helga confessa-se hoje muito feliz. Tempos atrás ela provavelmente não diria o mesmo. Um deslocamento da retina impediu-a de a continuar a dirigir, privando-a do seu maior prazer, os passeios e viagens de automóvel. Não tardou, porém, para que ela encontrasse algo, sob seu atual ponto de vista, bem mais prazeroso; a Internet.

Helga está longe de ser uma exceção. Jandi Augusto de Lira, proprietário de uma escola de informática em S. Paulo, afirma que muitas pessoas estão vencendo suas reservas aos computadores motivadas pela vontade de acesso à Internet. "Elas primeiro dizem temer as dificuldades para aprender por causa da idade, mas como ouviram falar em 'navegar', começam as aulas e acabam descobrindo suas reais capacidades" (MATURIDADE, 2000).

No Brasil, atualmente, a Internet conta com aproximadamente 4 milhões de usuários, 25% deles pertencente às faixas etárias mais altas. São pessoas que a um simples toque no computador podem fazer suas compras, movimentar suas contas bancárias, traçar um roteiro turístico, comparar preços de produtos, escolher um presente, divertir-se com jogos e fazer amizades. Dentro em breve também, terão as mesmas facilidades para a aquisição de medicamentos. A cultura e a educação saem também enriquecidas. O famoso neurologista e escritor norte-americano Robert Sapolski diz que as pessoas envelhecem intelectualmente quando fecham ciclos de aprendizado em sua vida, ou se contentam só com as coisas aprendidas até aquele momento. Para

quem não deseje esse tipo de envelhecimento, a Internet é uma grande oportunidade (MATURIDADE, 2000).

2.9 O Computador e a Terceira Idade

O computador, ainda que em número reduzido, vem fazendo parte do dia-a-dia de uma parcela de pessoas pertencente à Terceira Idade, e os que estão a margem desta tecnologia sentem-se angustiados, pois até para retirar sua aposentadoria todos os meses na agência bancária necessitam de algum conhecimento de tecnologia.

Hoje já se encontram em alguns lares, pessoas da Terceira Idade desenvolvendo algum tipo de atividade em um computador, seja para cultura, informação ou lazer. Essas pessoas utilizam a tecnologia para as mais variadas necessidades do seu dia a dia. Uma das mais importantes atividades está na comunicação à distância com parentes de outros estados ou países. Isso é possível graças à Internet; com um computador conectado a uma linha telefônica e a ajuda de programas, eles podem enviar mensagens com sons e até mesmo imagens, fazendo com que essa comunicação seja muito mais agradável e emocionante, deslocando para um patamar inferior as antigas formas de comunicação, por carta ou telefone.

Outras fontes são os vários programas desenvolvidos para quem gosta de escrever, desenhar, digitalizar fotos de amigos e parentes, bater um papo e conhecer novas pessoas pelo mundo, imprimir seus melhores trabalhos, ouvir

e procurar músicas, conhecer lugares lindos e exuberantes. Tudo sem sair de sua cadeira e passando horas divertidas.

As pessoas da Terceira Idade estão aptas a exercer essa atividade, não apresentam grandes dificuldades na aprendizagem e precisam apenas ter algumas aulas de informática em seu computador.

SANTOS (1999), professor de informática, que atende a Terceira Idade, está a cinco anos desenvolvendo seu trabalho junto às pessoas que procuram algo diferente em termos de aprendizagem, e com vantagens exclusivas. Uma delas é a de não precisar sair de casa, a outra, é a de aprender em seu próprio computador.

São pessoas que aderiram ao uso do computador em suas vidas de forma prazerosa, e segundo as quais "não é difícil aprender, o segredo é começar". Quem começou não se arrependeu, e hoje essas pessoas estão aí fazendo coisas de que gostam (SANTOS, 1999, p. 9).

Às vezes, a inibição em freqüentar um curso de informática ao lado de alunos muito mais jovens, podem barrar a entrada para esse mundo de entretenimento, cultura e utilidades. Foi o caso do médico José Roberto Tanaka. "Tenho 72 anos e há muito tempo vinha nutrindo o interesse por conhecer a Internet", conta ele. "Contudo, não queria ir a uma escola de informática cheia de Adolescentes e "informaníacos" e desisti da idéia". Tanaka, porém, acabou por conhecer uma assistente social que se especializara em aulas de computação para pessoas maduras. "Comecei a ter

aulas em casa e foi muito interessante", ele ressalta, narrando o final feliz de sua história (SANTOS, 1999).

Além de professores especializados com aulas a domicílio, existem também escolas de computação, como a do Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - e outras, cujo objetivo é exclusivamente atender à clientela madura.

Atividades que reúnem jovens e idosos, segundo especialistas, são benéficas para ambos os lados. Nos EUA, tais atividades, chamadas de programas intergeracionais, são muito incentivadas, por desenvolverem um sentido de integração e auto-estima. "A informática, com suas inegáveis vantagens voltadas para todas as idades facilita grandemente a benéfica aproximação", declara a psicóloga Maria Esmeralda Mineu Zamlutti. Foi essa aproximação que pavimentou o caminho da Internet para a aposentada Sherley Offerni Vieira. "Olhava sempre minha sobrinha Adolescente lidando com o computador e minha curiosidade levou-me a perguntar se aquilo era difícil. Em resposta, ela me convidou a sentar e aprender" (MATURIDADE, 2000, p. 5).

Futuramente, "navegar" na Internet já não exigirá mais o computador. O telefone celular e a televisão tornar-se-ão também outros meios de acesso. Diante, porém, das coisas que já se está perdendo, é desaconselhável esperar por esse tempo. Como prova a história de Sherley, até mesmo uma sobrinha,

um neto, um amigo, pode tornar-se um guia para qualquer aprendiz de marinheiro.

Outro exemplo que se pode dar é o de Astrid Dudeck, que para comemorar os seus 70 anos, resolveu dar um presente a si mesma: um computador. "Os mais jovens viviam falando das maravilhas dessa máquina e eu então pensei: se ele é bom para eles, deve ser bom para mim". Acertou. O computador passou a ser um grande auxiliar no seu trabalho "e, devo dizer, também me diverte muito", ela afirma. Em 1961, Astrid tornou-se uma pioneira na fabricação de brinquedos educativos, ao fundar uma oficina especializada. Depois de aposentada, deixou a direção para os filhos, mas continua a participar ativamente dos negócios (que ela classifica mais como um intercâmbio vivo de idéias entre pais, pedagogos e produtor). E não pára por aí. Dá aulas de português, inglês e alemão para pessoas de todas as idades e faz trabalhos de tradução.

Freqüentemente, a opção por uma carreira após a aposentadoria é guiada pelo desejo de um rompimento total com as atividades anteriores. É esta exatamente a hora de quebrar com a antiga rotina, ou de finalmente realizar um velho sonho de outra profissão. Às vezes, porém, a pessoa prefere atividades ligadas ao seu trabalho anterior, tomando como ponto de partida as próprias experiências já acumuladas.

Desta forma, o ambiente escolar pode tornar-se o lugar onde há possibilidades de solução de problemas como os da Terceira Idade e também

promover momentos de troca de aprendizagem entre a comunidade escolar e escola.

Segundo TEIXEIRA (1990, p. 42):

“... a escola eficiente é aquela que tem como princípio norteador o caráter *produtivo/preventivo*: *produtivo* no que se refere a valores, atitudes, conhecimentos, enfim a toda proliferação do saber e das descobertas. *Preventivo* no que insere a escola como atuante na evolução das dimensões inerentes a formação do indivíduo: socializadora na qualidade de integrar as comunicações entre os diversos elementos/indivíduos no grupo e individualizadora no que diz respeito a formação deste enquanto cidadão.

Uma ação preventiva na escola consiste em favorecer uma boa adaptação aos seus educandos, neutralizando as situações problemáticas, desencadeadas por conflitos graves do meio ambiente.

O ensino de qualidade passa pelo compromisso e envolvimento de todos. Na escola tanto os alunos, quanto professores, aprendem a viver em grupo, o que favorece o desenvolvimento pessoal e a mudança nos indivíduos, proporcionando com isso renovação no plano educacional.

A escola em sua estrutura e dinâmica específica com seus fins e objetivos determinados, deve favorecer experiências positivas de aprendizagem e de ajustamento social. É na escola que se dá o desenvolvimento da percepção social, do conhecimento dos sentimentos e intenções dos outros. O conhecimento do outro está relacionado ao conhecimento de si mesmo.

Para a escola atingir seus objetivos e metas se faz necessário, além dos conhecimentos seguros dos princípios científicos dos processos de desenvolvimentos e de ajustamento, as convicções nítidas do corpo docente da escola, do significado e metas da educação.

O processo educativo é de informação e de comunicação, é a interação entre os elementos atuantes/participantes, com reciprocidade, complementaridade num movimento contínuo que envolve escola, pais, professores e alunos.”

Uma escola que se preocupa com a formação de um cidadão voltado ao meio que ele participa, não ficará parada, procurará oferecer a sua comunidade, através de seus alunos meios de amenizar a falta de oportunidades de algumas pessoas ao acesso a tecnologia. Desta forma a escola estará desempenhando seu papel de instituição educacional e com compromisso social.

2.10 Conclusão

Como nem todas as pessoas pertencentes à Terceira Idade têm as mesmas alternativas e oportunidades dos exemplos apresentados anteriormente, pode-se pensar em oportunizar, através de escolas e projetos de parcerias, esta possibilidade de contato com o computador, por menor que seja, e também usufruir desta juventude, que tem todo um potencial em tecnologia, para minimizar um pouco esta situação, o que parece lícito pensar, constitui-se em uma alternativa interessante, como no caso da proposta que será descrita no próximo capítulo.

CAPITULO 3

PROJETO DE INTEGRAÇÃO ENTRE ADOLESCENTE E TERCEIRA IDADE

3.1 Introdução

Toda relação que pode ser estabelecida entre os seres humanos envolve uma construção, que vai se desenvolvendo através de um processo de interação social, no qual o sujeito que aprende vai internalizando os conceitos com os quais está trabalhando na realidade social e física em que se insere, e os vai transformando em ferramentas para a compreensão dos problemas com os quais se defronta. Possibilitar que esta interação social aconteça pode ser uma forma de promover um desenvolvimento de conhecimentos e trocas de experiências que talvez não seriam possíveis, ou não seriam tão proveitosas sem o contato entre as pessoas, mesmo que exista entre elas uma acentuada diferença de idade.

A relação entre as pessoas, mesmo permeada por uma sociedade tecnológica, na qual um lado tem familiaridade e o outro sequer a conhece, pode desenvolver várias afinidades que não seriam percebidas sem a oportunidade de momentos de encontro entre estas diferentes gerações.

Esta proposta voltou-se para as questões que envolveram a relação humana entre Adolescente e Terceira Idade promovida pela tecnologia e o

desempenho na questão ensino-aprendizagem apresentado pelos participantes nos dois casos, já que a diferença de idade e o contexto tecnológico eram um fator que poderia ser considerado de distanciamento e não proximidade. Analisá-las, permitiu contribuir para uma melhor compreensão das mesmas, entendendo-se que a escola pode, na medida em que melhor compreende e observa as diferenças de cada Adolescente (aluno) e a contribuição que estes podem dar a sociedade e a uma parcela dela em particular (Terceira Idade), organizar o processo de ensino-aprendizagem de uma maneira mais proveitosa e talvez oportunizar outros momentos de desenvolvimento dessas habilidades, podendo obter melhores resultados pedagógicos.

3.2 Desenvolvimento do Projeto

3.2.1 Procedimentos

Para implantar o projeto na escola, contatou-se a Secretaria de Assistência Social de Cascavel que fez a ligação entre o NTE e a coordenação da entidade social. Procurou-se ainda, a direção e orientação da escola dos Adolescentes, que fez uma reunião onde se expôs como seria o desenvolvimento do projeto, acontecendo então, de todas as partes, um posicionamento favorável à implantação do projeto entre Terceira Idade e Adolescentes.

Num segundo momento, marcou-se um encontro entre os Adolescentes que se prontificaram a participar do projeto (Ver Fig. 1), alguns já escolhidos pela orientação da escola e outros que se espontaneamente prontificaram-se a participar, para que se pudesse explanar a eles, os procedimentos que deveriam ser respeitados durante o desenvolvimento do mesmo, principalmente em questão a relação deles com as pessoas da Terceira Idade. Paciência, respeito ao ritmo da pessoa da Terceira Idade e sobretudo passar calma, sem ressaltar os erros cometidos pelos participantes da Terceira Idade foram os elementos priorizados neste contato.

O Projeto teve seu início em outubro de 1999, quando aconteceu a primeira etapa, com dois encontros entre Adolescentes e pessoas de Terceira Idade, para que pudessem se conhecer e ouvir quais seriam as expectativas de cada grupo para os encontros. Em 2000, quando se iniciou a segunda etapa do projeto objetivando mais encontros, programados para iniciarem em maio do mesmo ano, necessitou-se alguns encaminhamentos, como verificar quanto os Adolescentes conheciam de informática e até que ponto poderiam ensinar, sem a interferência dos que acompanhavam o projeto (pessoas do NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional de Cascavel) (Ver Fig. 3 e 4).

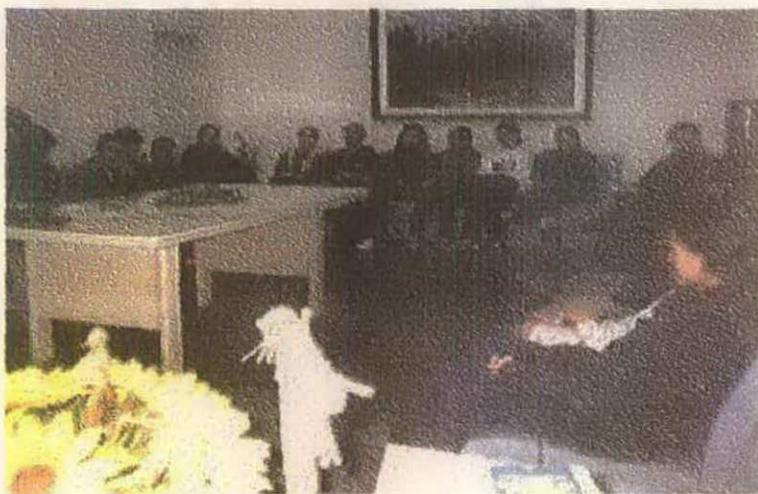


Figura 1 – Reunião com os Adolescentes para explanação da proposta

Após esta conversa, buscou-se pesquisar nos Adolescentes, a opinião do que deveria ser trabalhado com os participantes da Terceira Idade, que desconheciam totalmente o computador.

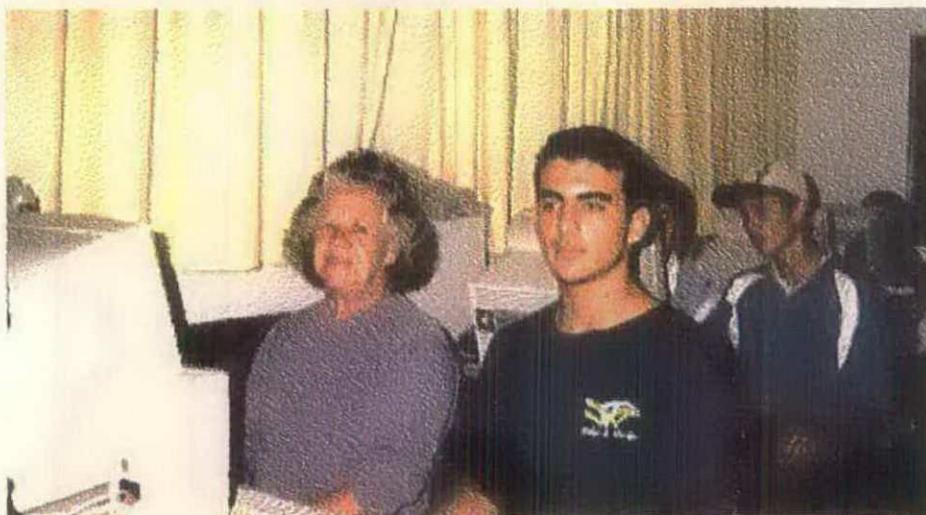


Figura 2: Os Adolescentes com a as pessoas da Terceira Idade

Após esta sugestão, encaminhou-se roteiros para cada encontro (Ver Fig. 2), com os conceitos básicos sugeridos pelos Adolescentes, os quais seguiram os mesmos tópicos que foram e elaborados pela coordenação do projeto e apresentada no roteiro, fez-se isto para que houvesse uma unidade

no que cada Adolescente trabalharia com cada idoso, conforme exemplo abaixo e tendo os demais disponibilizados no Anexo 1.

" 1º Encontro

Atividades no Programa *Paint*, desenhos livres, escrever seus nomes, familiarização com a máquina

2º Encontro

Utilização do Programa *WORD* e ferramentas como:

Utilização do *Word Art* no título

Digitar texto

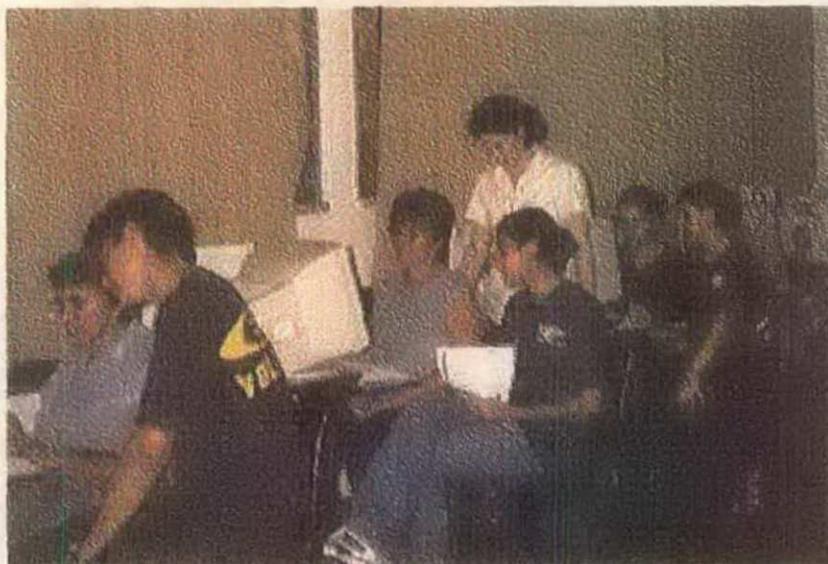
Colocar em negrito

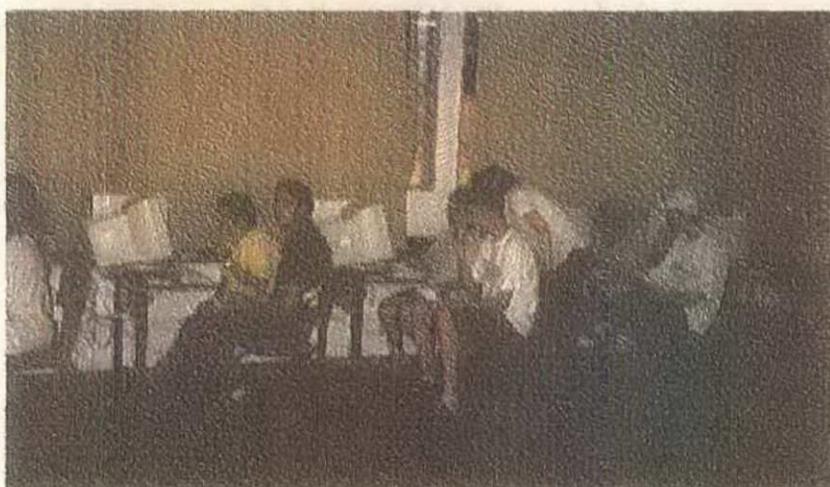
Numerar

Inserir figuras do *Clipart*

Clarear, levar para trás do texto

Diminuir"





Figuras 3 e 4: Acompanhamento do projeto e roteiro dos Adolescentes



Figura 5: Adolescente com Terceira Idade durante o desenvolvimento das atividades

Importante ressaltar que parte dos Adolescentes que participaram da proposta eram considerados pelos professores, em sala de aula, como rebeldes, indisciplinados, sem vontade nenhuma de estudar e que apresentavam baixo desempenho (Ver Fig. 5, 6 e 7).



Figura 6: Os Adolescentes explicando o que deveria ser feito na atividade

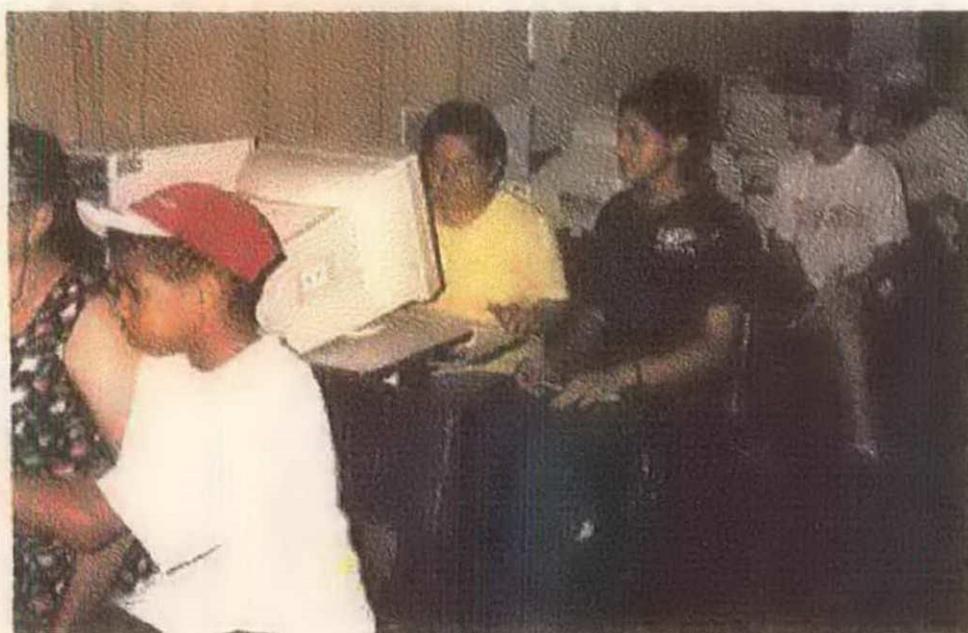


Figura 7: Os Adolescentes explicando o que deveria ser feito na atividade

3.3 Tarefas Desenvolvidas

Trabalhou-se inicialmente com o programa *Paint*, onde cada participante da Terceira Idade ficou bem à vontade para se familiarizar com a máquina e desenvolver livremente diferentes formas e desenhos. Ao longo da proposta foram trabalhando roteiros dentro do programa *Word* e do *Power Point* com diversidade de tarefas: Digitação de textos, formatação de texto, inserção de figuras, construção e montagem de histórias e montagem de cartões.

3.3.1 Atividades Desenvolvidas

Alguma das atividades desenvolvidas pela Terceira Idade e que puderam ser salvas, apresentar-se-ão a seguir:

a) Digitação do texto, formatação em coluna, fonte e capitular, uso do *Word art*

Garota de Ipanema

100-0000

Olha que coisa mais linda,
mais
cheia de graça é ela
menina que
vem e que passa num doce
balanço a caminho do mar.

Moça do corpo dourado
do sol
De Ipanema o seu
balançado
É mais que um poema e a
Coisa mais linda que eu já vi
passar.

Ah! Por que estou tão
sozinho?
Ah! Por que tudo é tão
triste?
A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha.

Ah! Se ela soubesse que
quando
Ela passa o mundo
sorrindo se
Enche de graça e fica mais lindo
Por causa do amor.



Figura 8: Texto Garota de Ipanema

Após concluírem esta atividade (Ver Fig. 8), houve um fato ocorrido que necessita ser descrito: a pessoa de Terceira Idade, dirigiu-se ao seu parceiro Adolescente, olhando-o e expressando-se com a seguinte frase:

" - Como você sabe! Nossa como você é inteligente!"

O Adolescente mostrou-se feliz e tinha um brilho de satisfação no olhar. Este Adolescente era um dos considerados indisciplinados pelos professores, ou "caso de polícia", expressão dos mesmos.

Buscou-se saber da orientação da escola se este aluno apresentou mudanças e esta nos informou que o mesmo não só mudara suas atitudes em

sala como também recuperou suas notas e foi aprovado no final do ano sem recuperação.

b) Atividade onde o Adolescente ensinou a colocação de figura atrás do texto e borda na página.

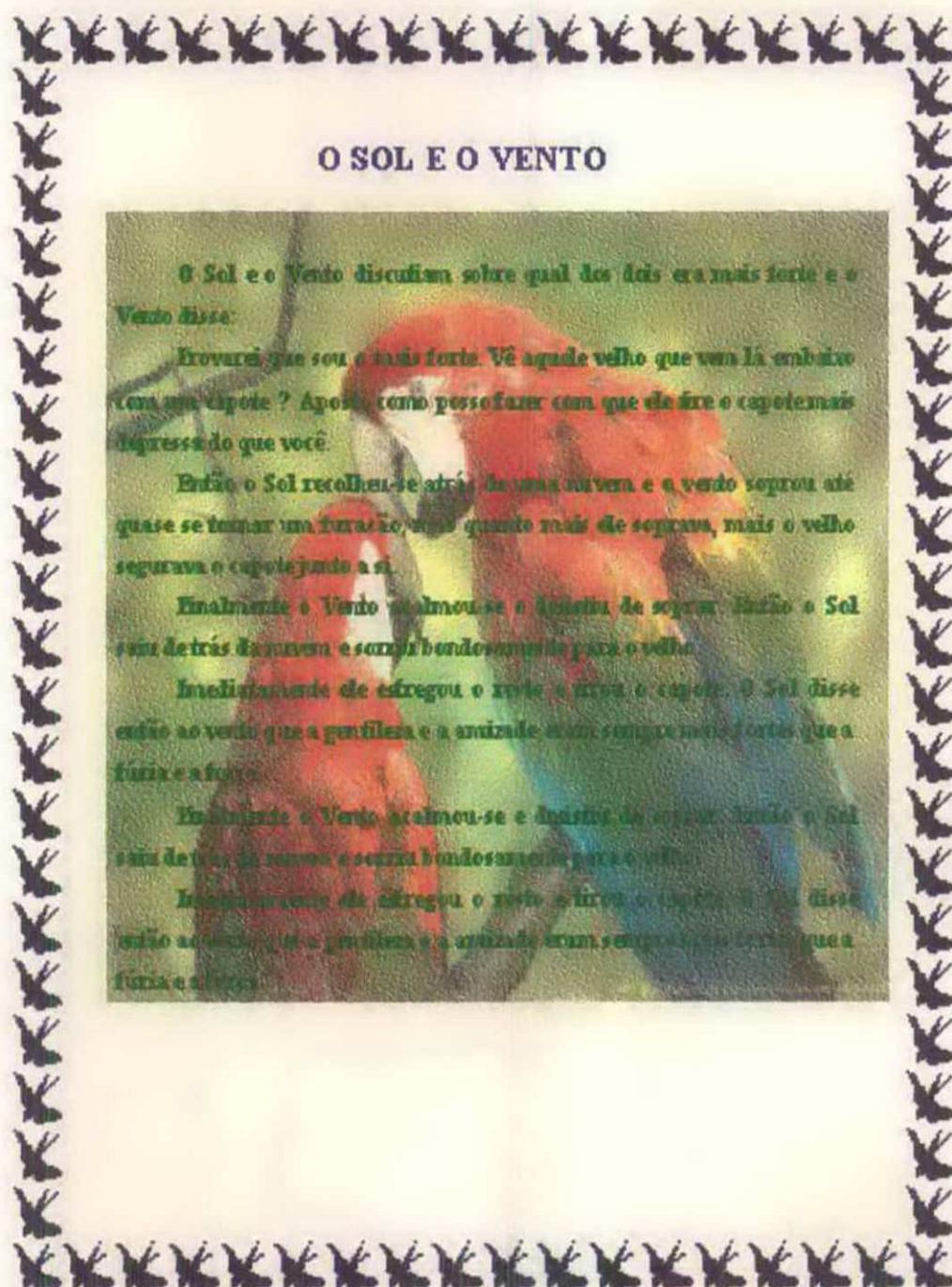


Figura 9: Trabalhando o texto "O Sol e o Vento"

Nesta atividade (Ver Fig. 9) ocorreu uma situação, onde o Adolescente mostrou-se mais conservador e com "tabus" do que a pessoa de Terceira Idade. No momento em que eles buscavam uma figura para inserir na atividade, ao vasculharem os arquivos, depararam-se com a foto pornográfica. O Adolescente ficou com a face corada, sem jeito diante da senhora, quis sair rápido de onde estava, e ela calmamente, pôs a mão no ombro dele e falou-lhe sorrindo.

"Não se preocupe, eu não ligo... já vi isto antes!!!".

c) Atividade onde foram explorados os recursos já aprendidos nas aulas anteriores e criação de uma história, a qual proporcionou um diálogo entre os Adolescentes e a pessoa da Terceira Idade, onde um ensinou o outro.

Nesta tarefa os Adolescentes e seus parceiros da Terceira Idade deveriam contar os fatos de acordo com a gravura, definindo cada período da história. O que se esperava era que o Adolescente ensinasse esta parte da história para seus parceiros, até por estarem vendo história durante seus estudos em sala de aula. Contudo, o que ocorreu foi que parte onde mostrava o homem na idade da pedra, do bronze, do ferro e da guerra, a pessoa da Terceira Idade era quem falava para os Adolescentes como era este tempo, e eles questionavam os idosos, atentos, interessados e paravam de fazer a tarefa para saber mais coisas sobre o assunto. Quando chegou a idade moderna e dos computadores, os Adolescentes então começaram a falar deste período com mais conhecimento.

A conversa entre eles foi interessante devido à troca feita em termos de

experiência de vida, refletindo-se na atividade, onde o tempo que levaram para concluí-la foi mais demorado (Ver Fig. 10).

Evolução da Tecnologia



Fazia fogo com pedras, caçavam, pescavam e não tinham moradia fixa.



Fabricavam utensílios domésticos.



**Idade do ferro
Os homens fabricavam as primeiras armas e as primeiras ferramentas.**



**Idade da guerra
Nessa idade aconteceram guerras por territórios.**



**Idade moderna
Surgiram as primeiras máquinas**



**Idade dos computadores
Idade em que vivemos**

Figura 10: Montagem da história da evolução da tecnologia

d) Atividade de criação de história em quadrinhos, onde ambos puderam imaginaram o que estaria se passando em cada situação.



Figura 11: Montagem de uma história em seqüência.

Ao desenvolverem esta tarefa (Ver Fig. 11) deveriam contar a história de acordo com a seqüência das gravuras (eram eles que encontravam a seqüência). Algumas duplas discordavam dos fatos, escreviam e apagavam diversas vezes porque achavam que não estava combinando o que era dito

com o que a figura mostrava.

Neste dia, no início da aula houve uma demonstração de um dos Adolescentes esperava sua companheira da Terceira Idade chegar, pois ela estava atrasada e tinha faltado a aula anterior. Ele dirigiu-se ao orientador do projeto, preocupado e com uma expressão chorosa queixou-se que a sua companheira não tinha chegado e que estava com medo que ela não viesse mais, pois já não tinha vindo na aula anterior. Ele questionou-se achando que não tinha ensinado direito e por isso ela não queria mais vir. O orientador disse-lhe que deveria ter acontecido algo e que ele não ficasse tão chateado, pois ela deveria voltar. Naquele instante, a senhora entrou na sala e o Adolescente foi ao seu encontro com um sorriso com se estivesse vendo a pessoa mais importante para ele. Ela lhe explicou que havia adoecido e por isso não tinha vindo na aula anterior e neste dia pegou o ônibus um pouco mais tarde. Ele encaminhou-a até o computador e todo animado trabalhou as atividades estipuladas.

e) Atividade desenvolvida no Programa *Power Point*, criação de telas, usando um poema.

Nas atividades e e f (Ver Fig. 12 e 13), que aconteceram nos últimos encontros de 2000, os participantes pareceram estar chateados por estarem terminando aquela etapa e não estarem mais juntos por um período de tempo. Pois a maioria deles, Adolescentes e pessoas de Terceira Idade, demonstraram interesse em continuar. No exercício de construção do cartão, que foi sua última aula, alguns Adolescentes tinham feito em casa, um cartão,

para dar ao parceiro de Terceira Idade como demonstração de afeto pelo tempo que passaram juntos. E algumas senhoras, trouxeram um presente para dar aos Adolescentes que se surpreenderam e alegraram-se com o carinho que receberam.

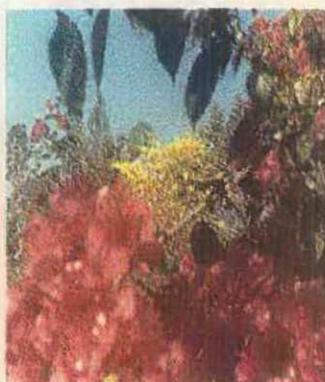
A vida!!!

A vida é uma oportunidade, aproveite-a
 A vida é beleza, admire-a ...
 A vida é felicidade, deguste-a ...
 A vida é um sonho, torne-o realidade ...

**A vida é desafio,
enfrente-o ...**
**A vida é um dever,
compra-o ...**
**A vida é um jogo,
jogue-o ...**
**A vida é preciosa, cuide
dela ...**
**A vida é uma riqueza,
consERVE-a ...**



**A vida é amor, goze-o
...**
**A vida é um mistério,
descubra-o ...**
**A vida é promessa,
cumpra-a ...**
**A vida é tristeza,
supere-a ...**
**A vida é um hino,
cante-o ...**



**A vida é uma luta,
aceite-a ...**
**A vida é aventura,
arrisque-a ...**
**A vida é alegria,
mereça-a ...**
**A vida é vida,
defenda-a ...**



Figura 12: Trabalhando poesia em forma de slides

f) Atividade de Criação de um cartão de natal.



Figura 13: Montagem de um Cartão de Natal

3.3.2 Quanto ao Desempenho dos Sujeitos

Dentro da expectativa da relação de ensino-aprendizagem entre as duas gerações participantes, constatou-se que os Adolescentes tiveram boa vontade de ensinar, agilidade com o computador e encaravam a máquina como algo do seu dia a dia. A Terceira Idade no entanto, considerava o equipamento como algo amedrontador, como se pudesse feri-los, algo estranho e que temiam não poder dominar. Alguns deles apresentaram uma certa lentidão com o manuseio da máquina.

O desempenho dos Adolescentes em querer ensinar foi bastante surpreendente; a relação estabelecida por parte destes com as pessoas de Terceira Idade foi de afeição, paciência, pegando inclusive na mão dos participantes para ensiná-los, acalmando-os quando demonstravam

nervosismo. Alegria de poder ensinar alguém, principalmente por este alguém ter mais idade do que eles, interesse em buscar outros meios para que a pessoa da Terceira Idade pudesse achar mais fácil trabalhar com a máquina foram outras constatações. Os jovens demonstraram tristeza quanto o parceiro da Terceira Idade não compareciam ao encontro.

Por outro lado os idosos demonstraram desgosto quando algum Adolescente trocou o participante de Terceira Idade, pois queriam estar sempre com a mesma pessoa, pareciam demonstrar um compromisso maior com aquela pessoa ou ainda a percepção de que aquela pessoa que estavam ensinando era seu parceiro de estudo.

Acredita-se que isso ocorria devido um certo apego afetivo que acabou acontecendo naturalmente entre as pessoas de Terceira Idade e os Adolescentes. Demonstrado pelos mesmos com troca de cartões de felicitações e lembrancinhas (ursinho, flores) no final do ano.

As senhoras da Terceira Idade demonstraram um desempenho com a máquina no decorrer do projeto que poderia ser considerado interessante, pois não tiveram grandes dificuldades em dominar o *mouse*, levando para isso dois encontros. Alguns apresentaram agilidade na digitação e acompanharam o raciocínio dos Adolescentes. Outros eram mais lentos, porém aprenderam e desenvolveram todas as tarefas propostas. Consideraram uma oportunidade de aprender algo novo, não se sabe se esta vontade demonstrada já vem da participação em entidade social para Terceira Idade ou se era própria de suas

personalidades, por estar já num período de vida que pode ser considerado por algumas pessoas como fase sem muita utilidade produtiva e a oportunidade de lidar com uma tecnologia que é alheia a sua vida desperta interesses adormecidos ou renova suas esperanças.

3.4 Análise das Atitudes

3.4.1 Atitude dos Adolescentes

Conclui-se que os Adolescentes desta pesquisa poderiam ser objeto de uma melhor análise em seu ambiente educacional, pois se esperava uma desistência do projeto na sua maioria assim que esta fosse exposta a eles e, no entanto, permaneceram até o final, prontificando-se inclusive a participar novamente, caso houvesse continuidade. Os que deixaram de participar (em torno de 10% dos alunos que iniciaram) alegaram dificuldades de cumprimento dos horários, pois eram horários extra classe. Alguns consideraram a proposta, através comentários manifestados, como uma grande oportunidade que a escola estava oferecendo às pessoas que não tinham acesso a tecnologia, afirmando que esta deveria ser oferecida mais vezes e questionaram se poderiam participar também pessoas de sua família, como a avó, por exemplo.

3.4.2 A Relação entre Adolescentes e Terceira Idade

Outro aspecto investigado no presente estudo refere-se à relação entre atitude do Adolescente com as pessoas de Terceira Idade. Relação esta que poderia ser considerada sem afinidades, pois aparenta, na maioria das vezes, existir uma lacuna entre eles, que pode ser considerada uma decorrência da própria idade de cada um, marcada pela diferença de gerações, fruto de um pensamento de que estes vivem em "mundos diferentes".

Os Adolescentes, no entanto, demonstraram uma afinidade muito grande com a Terceira Idade, encontrando-os em diálogos de entendimentos, trocando confidências sobre suas vidas particulares, ouvindo as queixas das pessoas com mais idade, da mão que doía por muito esforço, da oportunidade que não tiveram, quando Adolescentes, de aprender, que mal sabiam ler e escrever pois no mundo em que viveram não havia as mesmas oportunidades que os Adolescentes têm hoje.

3.4.3 Atitude do Grupo da Terceira Idade

Considerando-se que há poucas pesquisas quanto à influência da atitude da Terceira Idade em relação à tecnologia e ao computador, a proposta desenvolvida deteve-se em observar o comportamento e as respostas dadas pela Terceira Idade durante o desenvolvimento da proposta.

As pessoas da Terceira Idade chegaram bastante preocupadas com o

fato de desconhecerem totalmente o computador, receavam não conseguir dominar a tecnologia durante os encontros e consideravam que não estariam a altura dos Adolescentes em conhecimento sobre o computador. Desta forma acabariam por "envergonhar" (expressão usada por eles) o parceiro de trabalho.

Nos primeiros momentos olhavam para o computador como se estivessem diante de algo totalmente inatingível, demonstrando, porém, uma expectativa de como seria trabalhar com aquela máquina. No decorrer dos encontros, começaram a familiarizar-se com a máquina de forma surpreendente, demonstrando certa desenvoltura e adaptando-se com alguma facilidade, pois, pode-se considerar que alguns adultos no segundo e outros no terceiro encontro já não apresentavam mais dificuldades em dominar o *mouse* e já conseguiam fazer com que a seta do mouse fizesse o que planejavam.

Embora alguns tivessem que ser lembrados pelos Adolescentes em todas as aulas das funções aprendidas anteriormente, desempenharam uma familiaridade com a máquina e demonstraram gosto em trabalhar com o computador, pois acabavam convidando outras pessoas para participarem do projeto.

Foi possível perceber que, embora as pessoas de mais idade envolvidas no projeto tenham apresentado uma certa dificuldade inicial com o manejo dos equipamentos, fruto certamente de um nível cultural e educacional

aquém do ideal e também, talvez, de uma vida inteira de trabalho árduo, sem oportunidades econômicas e sociais de estender e buscar conhecimentos tecnológicos, a capacidade de aprendizado e de assimilação de novos conhecimentos mostrou-se presente e constante na Terceira Idade. Por certo, isto exige formas diferenciadas para que aconteça, mas é uma capacidade real e ainda útil para a sociedade, pois vem agregada a toda uma vida de experiências e vivências que não pode ser menosprezada.

3.5 Questionamentos

Para ter uma visão maior do que os participantes sentiram em relação ao projeto desenvolvido, buscou-se questionar alguns aspectos a respeito do mesmo com aqueles que estiveram envolvidos direta e indiretamente com o projeto.

3.5.1 Escola/Professores

a) Foi observado alguma mudança no comportamento ou atitudes dos alunos que participaram do projeto?

b) Foi válida para a escola a participação no projeto? Por que?

Resposta

Orientadora

a) Foi observada alguma mudança no comportamento ou atitude dos alunos que participaram do projeto?

“O que se observou é que, o aluno que era considerado em sala de aula (pelos professores) como difícil, indisciplinado, quando ele estava ou está participando do projeto, ele demonstra interesse, responsabilidade, compromisso com o que está fazendo. Apresenta-se estimulado.

Muitas vezes (em certos casos) ao voltar para sala ele muda o comportamento em outros não, pelo fato da sala de aula não trazer desafio e os estímulos que acredita-se que o aluno busca.

Eles parecem apresentar uma auto-estima maior, não demonstrada anteriormente, sentem-se valorizados por estar fazendo algo útil por alguém, fazendo com que os mesmos apresentem uma postura positiva”.

b) Foi válida para a escola a participação no projeto? Por quê?

“Acredito que foi importante para a escola e também para os alunos, pois, ao meu ver, este tipo de projeto resgata o gosto dos alunos e da comunidade pela escola.

Deu oportunidade ao aluno para que esse mostrasse seu valor e também a Terceira Idade passou a ver o jovem de uma forma diferente. Onde pode-se

dizer que foi valorizado as habilidades e competências do aluno.

Há necessidade de continuidade do projeto e também uma valorização dos órgãos competentes para que se estruture e valorize esse tipo de iniciativa, dando melhores condições de realização nesse tipo de trabalho”.

Professora

“Quando realizamos o projeto, pensamos em relacionar os alunos com os idosos. Mas resolvemos escolher aqueles alunos que tinham dificuldades, principalmente de disciplina em sala de aula, e que nós professores, não estávamos conseguindo mostrar a eles, que é na escola, que se aprende também, além do conhecimento e conteúdo, a disciplina, responsabilidade e cidadania.

Para nossa surpresa os alunos, que se transformaram em monitores, se revelaram no projeto, ensinando os idosos e com isso tiveram grandes mudanças,nós professores sentimos a diferença em sala de aula, com alunos mais interessados e mais responsáveis com suas obrigações. O projeto foi um sucesso. Parabéns e obrigado pela parceria”.

Pode-se colocar aqui, alguns aspectos em relação aqueles Adolescentes que foram escolhidos pela orientação da escola para participarem do projeto, como uma oportunidade dada a eles, para que não estivessem todos os dias sendo colocados para fora da sala de aula como indisciplinados, desinteressados e quem sabe deixassem de ser "o caso de polícia" considerados pelos professores. Os Adolescentes, não sabiam que os

coordenadores do projeto que acompanhavam as atividades conhecessem este fato, pois eles estavam junto com outros alunos que participaram por vontade própria e naquele momento não havia nada que os diferenciasse.

E o que observou-se foi que todos eles demonstraram durante o projeto uma vontade de ensinar, paciência, interesse, que em muitos momentos questionou-se a orientação da escola se realmente era verdadeiro, se não seria exagero o que os professores colocavam deles.

3.5.2 Terceira Idade

a) Por que você decidiu aprender a trabalhar com o computador?

b) Como foi a experiência de aprender com um Adolescente?

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por que?

Respostas

Idoso 1

a) Por que você decidiu aprender a trabalhar com o computador?

“Porque é necessário hoje em dia”.

b) Como foi a experiência de aprender com um Adolescente?

“Foi muito legal porque é uma nova experiência”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

Sim. Para aprender melhor.

Idoso 2

a) Por que você decidiu aprender a trabalhar com o computador?

“Para melhorar meu aprendizado”.

b) Como foi a experiência de aprender com um Adolescente?

“Foi legal aprender, trocar idéia com eles”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Sim. Porque gostaria de aprender mais”.

Idoso 3

a) Por que você decidiu aprender a trabalhar com o computador?

“Porque gostaria de aprender melhor”.

b) Como foi a experiência de aprender com um Adolescente?

“Foi legal aprender com eles outras idéias”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Sim. Porque posso me dirigir a um computador”.

Alguns aspectos que devem ser mencionados quanto as senhoras de Terceira Idade, foi a forma com que elas encararam o computador, como se estivessem aprendendo qualquer outra coisa. Não tinham o pavor que se esperava, e demonstravam prazer em aprender querendo a continuidade do projeto e quando foram questionados se tiveram algum problema em serem ensinados por Adolescentes ou se eles preferiam uma pessoa adulta, todos eles disseram que gostaram e aprenderam muito com os meninos (as).

Coloca-se aqui também, algo que a experiência da autora desta dissertação com vinte anos na educação, e trabalhando com várias faixas etárias, crianças, Adolescentes e com a Terceira Idade em dois projetos (o relatado e Luz das Letras da Copel, que trabalha alfabetização com o computador), analisa-se a demonstração, interesse e maneira de aprender apresentado pela Terceira Idade. Verificou-se que não havia diferenças com relação aos Adolescentes, pois as pessoas de Terceira Idade apresentavam-se curiosas e interessadas e sem muitas dificuldades, não colocam empecilhos, querem mexer com o computador e ainda querem sempre aprender mais coisas. Considera-se importante colocar isso, porque ao trabalhar com alunos na faixa de 20 a 40 anos , professores e futuros professores, por quatro anos, tem-se visto sempre uma certa rejeição (as exceções são os que se interessam) em aprender a mexer com o computador, tudo é muito complicado, difícil e trabalhoso.

Com isso, ficou um questionamento que talvez demandaria uma outra pesquisa. Porque os Adolescentes e Terceira Idade aprendem com a mesma

facilidade? Pois não se conseguiu identificar se o jovem ou a Terceira Idade aprenderia com maior facilidade.

Ou ainda que fatores levam estas duas gerações tão distantes em termos de idade apresentarem as mesmas facilidades em aprender no computador?

Cabe colocar ainda, que projetos parceiros, que possam trazer a estas pessoas que se encontram sem acesso a tecnologia, além de dignidade outra perspectiva de vida e até, quem sabe, enfrentar o caixa eletrônico ou a urna eletrônica sem problemas.

3.5.3 Adolescentes

- a) Por que você decidiu participar do projeto?
- b) Como você se sentiu ensinando uma pessoa de Terceira Idade?
- c) Você gostaria de continuar no projeto? Por que?

Respostas

Adolescente 1 - 1º ano do 2º grau

- a) Por que você decidiu participar do projeto?

“Achei importante passar o pouco conhecimento que eu tinha para alguém que talvez conhecesse menos”.

b) Como você se sentiu ensinando uma pessoa de Terceira Idade?

“Muito bem, porque eles nos passaram uma força de vontade muito grande”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Se tiver tempo, sim. Porque acho que vou aprender mais com eles e também é uma lição para toda a vida”.

Adolescentes 2 e 3 - 1º ano do 2º grau

a) Por que você decidiu participar do projeto?

“Para contribuir e ajudar as outras pessoas para que elas aprendessem e nós também”.

b) Como você se sentiu ensinando uma pessoa de Terceira Idade?

“Muito bom, pois aprendemos com eles também, e podemos ver as suas grandes capacidades”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Não. Por falta de tempo disponível”.

Adolescente 4 - 1º ano do 2º grau

a) Por que você decidiu participar do projeto?

“Porque percebi que a pessoa que não tiver pelo menos uma certa noção de informática não terá grandes chances no campo de trabalho. E também por

certa curiosidade”.

b) Como você se sentiu ensinando uma pessoa de Terceira Idade?

“Inicialmente tive certo receio, mas depois de algumas aulas me senti útil e feliz pois podia passar para as pessoas um certo conhecimento, e o que era mais interessante, era que elas se sentiam capazes de conseguir, o que lhes dava novas expectativas”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Sim. Porque me sinto feliz por poder ajudar pessoas. Além de tudo isso, é legal interagir com elas e trocar experiências, pois são mais velhas e sabem muito mais da vida do que eu”.

Adolescente 5 - 1º ano do 2º grau

a) Por que você decidiu participar do projeto?

“Porque eu achei muito interessante e proveitoso”.

b) Como você se sentiu ensinando uma pessoa de Terceira Idade?

“Muito bem. Foi uma experiência nova, no qual poucos têm essa maravilhosa oportunidade”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Sim. Porque eu poderia continuar ensinando pessoas que não tiveram oportunidades quando jovens e assim continuar aprendendo também”.

Adolescente 6 - 1º ano do 2º grau

a) Por que você decidiu participar do projeto?

“Porque sempre tive vontade de ajudar alguém, me sentir útil dentro de um projeto, fazer parte da vida de pessoas mais velhas, ensinar, mas aprender sempre”.

b) Como você se sentiu ensinando uma pessoa de Terceira Idade?

“Me senti valorizada, pois eu era importante para a pessoa que eu ensinava e o fazia se sentir bem e importante também”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Gostaria muito, pois foi uma ótima experiência que tive o ano passado e gostaria de continuar para provar a eu mesma que posso ajudar alguém a aprender algo”.

Adolescente 7 - 1º ano do 2º grau

a) Por que você decidiu participar do projeto?

“Eu tinha muito interesse em ensinar alguém a trabalhar com a máquina, mas todos da minha família sabiam mexer. Daí surgiu o projeto, que me dava à oportunidade de ensinar e também aprender mais um pouco, e a senhora que eu ajudava era muito querida”.

b) Como você se sentiu ensinando uma pessoas de Terceira Idade?

“Era muito legal ensinar pessoas mais velhas do que eu. Era um conhecimento a mais. Deu para saber bem o que eles pensavam da máquina e assim poder trabalhar com meus avós. É muito bom e gratificante”.

c) Você gostaria de continuar no projeto? Por quê?

“Gostaria. Porque era legal. Era mágico ensinar pessoas mais velhas. E também vou aprender mais ainda. Já sei bastante, quero ensinar e aprender”.

Pelos depoimentos dos Adolescentes pode-se constatar alguns pontos já identificados durante o projeto.

Primeiro que as escolas realmente devem oferecer aos alunos outras formas ensinar e aprender, dar aos alunos outras oportunidades de mostrar suas habilidades e competências e não apenas o ensino formal. E que os professores precisam se engajar neste processo para não ficarem apenas com a imagem que eles fazem de seus alunos mas que possam ter oportunidades de observá-los em outros momentos de seus desempenhos.

Que eles têm interesse em aprender e sentem-se valorizados quando são encaminhados a desafios, que querem aprender e que não aprendem somente na sala de aula. As expressões: "Era mágico ensinar...", "... continuar aprendendo também", "... provar a eu mesma", "... uma lição para toda vida" demonstram que as necessidades destes, enquanto cidadania são valorizadas e necessárias. E o que lhes faltam são oportunidades para que demonstrem isso.

3.5.4 Pais

a) Foi notada alguma mudança no seu filho (a) depois que ele começou a participar do projeto? Se sim, qual?

b) Como seu filho (a) abordava em casa a participação dele no projeto?

Respostas

Mãe 1

a) “Sim. Parecia se sentir mais útil, e interessado com o assunto”.

b) “Dizia que as pessoas que faziam parte do projeto evoluíam pouco a pouco, e que ele achava interessante ensinar alguém”.

Mãe 2

a) “Sim. Devido a esse trabalho que ele despertou um grande interesse pela informática”.

b) “Com muito interesse, pois está sempre falando sobre as pessoas das quais ajudava. E ainda mais, despertou o lado profissional do qual eu não tinha muito tempo para ajudar e ele ficava sem ocupação, pois esta idade é muito difícil”.

Pelos depoimentos dos pais, coloca-se que comunidade e escola devem trabalhar juntas, pois o que aprendem na escola tem influência no

comportamento dos jovens em casa e vice-versa, assim, escola e pais devem ter procedimentos que compactuem, para que os jovens não se sintam tão perdidos no meio paradigmas.

3.5.5 Parecer da Secretária Estadual de Assistência Social

Parecer da professora e orientadora da escola atualmente e secretaria de assistência social no ano do desenvolvimento do projeto.

“Considerando a adolescência como período de amadurecimento intelectual e social, e principalmente de auto afirmação pessoal; a falta de políticas públicas que atenda esta faixa etária quanto às atividades culturais e desportivas; a ausência dos pais na orientação e acompanhamento nesta fase delicada de crescimento e fortalecimento emocional, curiosidade e acima de tudo ociosidade colocando-os em ritual de vulnerabilidade e risco social na busca de novas experiências e novos desafios. É salutar e urgente que a Escola proponha medidas educativas para combater a indisciplina, a agressão, a violência, canalizando suas potencialidades e curiosidades para o desenvolvimento do espírito de solidariedade, paciência e busca de conhecimentos latentes em nos jovens quando desafiados em novas situações.

Considerando a Terceira Idade como período oposto à fase juvenil, marcada pela serenidade, humildade, rica pela experiência já vivida, mas ainda sedentos pela apropriação de novos conhecimentos a fim de se

adaptarem às novas tecnologias, quer pela ocupação, pela empregabilidade, pela auto estima ou simplesmente pelo sentido à vida que tais conhecimentos lhes proporcionam nesta fase tão frágil, discriminado e também excluídos pelas políticas sociais.

Por tudo isso, considera-se que o projeto Informática para a Terceira Idade desenvolvido no Colégio Wilson Joffre - no ano de 2000 - foi com certeza a melhor alternativa de aproximar gerações tão distantes e sofridas pelas suas peculiaridades. Tal iniciativa tem como princípio a promoção e a valorização do ser humano em suas fases distintas: 1º- ver a possibilidade do Adolescente considerado "problema" a oportunidade de rever conceitos, aprender a sentir-se útil a sua comunidade; 2º - oportunizar aos participantes da Terceira Idade (pais, avós, funcionários ou cidadãos da comunidade) a oportunidade de realização ao freqüentar pela primeira vez sendo alfabetizado ou simplesmente retornar a escola e apropriar-se de conhecimentos tão distantes de sua realidade.

Pelos resultados positivos obtidos em tão pouco tempo, vemos que a iniciativa deveria não só ter continuidade, como também ser seguida pelas demais instituições que trabalhem com Adolescentes (escolas, conselhos tutelares, casa de abrigo, etc) e principalmente atividades similares serem adotadas pelo poder público. Como verdadeira medida sócio-educativa onde o exemplo, a determinação, a promoção do ser humano através de trabalho preventivo, superassem a simples visão e as ações de correção, advertência, punição, expulsão, reclusão..."

Com este depoimento coloca-se que projetos diferenciados e em parceria, dá a escola metodologias de ensino que resgata a auto-estima de seus participantes, tanto alunos como membros da comunidade. Não se isenta aqui a responsabilidade do governo com a educação, porém, a escola com seu capital intelectual, juntamente com a comunidade podem proporcionar encaminhamentos que trazem resultados positivos proporcionado assim, o não surgimento dos problemas, como a ignorância das pessoas de Terceira Idade com relação a tecnologia e a indisciplina dos jovens frente a falta de desafios e que estão ao seu alcance como o deste projeto, sem comprometer a sua estrutura financeira e educacional.

3.6 Dificuldades

Durante o desenvolvimento da proposta encontrou-se algumas dificuldades, que atrapalharam o bom andamento do projeto, tais como:

- a greve dos professores da rede pública no período de maio e junho dificultou o acesso aos alunos, pois se previa o início dos encontros entre Terceira Idade e Adolescentes para início de maio. Conseqüentemente alguns alunos acabaram desmotivados devido à demora dos encontros e acabaram desistindo da participação;
- o rigoroso inverno da região, na volta da greve, fez com que se adiasse os encontros para o mês de agosto, a pedido da entidade

social, pois para os idosos, a exposição ao frio resultaria em dificuldades de ordem de saúde;

- os equipamentos da escola, desconfigurados e com problemas, como o *Drive* de disquete que não permitia gravação, dificultavam passar para as máquinas as tarefas do dia, também o sistema de acesso e inicialização da máquina não instalado fazia com que não se pudesse usá-las;

- os alunos que não participavam da proposta e que usavam as máquinas em outros dias deletavam as tarefas feitas pelos integrantes da proposta;

- vírus nas máquinas que acabaram danificando diversos arquivos de atividades feitas pela Terceira Idade;

- falta de estrutura e apoio técnico da Secretaria Estadual de Educação que não possibilitou o funcionamento das máquinas que estavam com problemas, fazendo com isso com que o projeto fosse interrompido em 2001, devido a escola impor esta assistência para dar continuidade ao projeto.

Desta forma, num laboratório com 10 máquinas, que teve horários destinados ao uso da proposta, apenas 5 delas funcionaram sem problemas, fazendo com que fossem atendidos menos idosos.

Outra dificuldade foi à falta de literatura sobre Terceira Idade frente à tecnologia, como capital intelectual e produtor de conhecimento. Encontra-se muito sobre o lado psicológico, físico, porém intelectualmente e dentro da sociedade da informação praticamente não se encontra literatura. O pouco que se encontrou foram em pesquisas na Internet, e tudo muito novo, ainda o que esta sendo pesquisado. Isso trouxe uma certa dificuldade na fundamentação do trabalho em relação à Terceira Idade.

Ressaltam-se ainda, questões referentes ao projeto quanto a sua estruturação na sua continuidade. Alguns encaminhamentos deveriam ser analisados para obter-se melhores resultados, os quais não tiveram bom funcionamento nesta etapa. Um destes aspectos seriam as atividades trabalhadas pelos Adolescentes com a Terceira Idade. Se retomado deveriam ter encontros periódicos com os Adolescentes com um tempo maior e não apenas um preparo antes das atividades, onde se analisaria cada aula discutindo com eles estes encaminhamentos, e ainda um relato e registro por parte destes Adolescentes para posterior divulgação do mesmo. Trabalhar a divulgação na internet, feita por eles (Adolescentes e Terceira Idade). E também proporcionar outros ensinamentos como o da Internet por exemplo. Podendo-se manter assim uma comunicação destes idosos com os Adolescentes posteriormente.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÕES

4.1 Considerações Finais e Sugestões para Trabalhos Futuros

As novas tecnologias desenvolvidas estão reestruturando a sociedade como um todo, alterando hábitos e concepções, trazendo, também como consequência, a percepção de que se necessita pensar numa sociedade aprendiz e com sensibilidade solidária.

As tecnologias de informação e de comunicação, ao mesmo tempo em que trouxeram grandes conquistas e mudaram paradigmas, promoveram também certa exclusão social, o que se pode considerar inevitável quando se tem uma educação que ainda encontra-se distante do desenvolvimento social e cultural, sem os investimentos necessários e um projeto político adequado.

Porém, não se pode negar que a lógica da exclusão se enraizou nas instituições do mundo atual e pode-se exemplificar aqui uma das problemáticas, que é a questão do envolvimento da Terceira Idade com a tecnologia. Repudiar quaisquer desafios que esta sociedade da informação vem proporcionando seria no mínimo ingenuidade.

A cultura do novo tem levado a um descarte, por parte da sociedade produtiva, das pessoas consideradas “velhas”, relegadas a uma condição de inatividade que muitas vezes não se justifica, pois estas ainda possuem, em

muitos casos, uma grande capacidade produtiva, senão na forma de trabalho físico, no trabalho intelectual, inclusive por conta de toda uma experiência de vida acumulada.

Por outro lado, também o jovem, principalmente aquele pertencente às classes sociais menos favorecidas, tem sido excluído do processo de aquisição destes novos conhecimentos e facilidades disponibilizados pela sociedade baseada na informática, embora ele busque por si o acesso à mesma.

Entre estes dois extremos encontra-se a escola, ainda tecnologicamente defasada e despreparada para lidar com uma nova condição, na qual precisa capacitar um cliente a inserir-se em um universo que ela própria, a escola, ainda não conhece e nem mesmo compreende totalmente, e não tem analisado a facilidade dos jovens junto a tecnologia e usado isso a seu favor.

Estas realidades se unem na formação de uma conjuntura em que surge a necessidade de atitudes que busquem, por um lado, aproveitar uma mão-de-obra ociosa, não aproveitada e por outro, formar e qualificar aqueles que irão gerir a sociedade nos anos vindouros.

Como não se pode esperar que apenas as tímidas ações de cunho governamental alterem este quadro, cumpre despertar para a necessidade e o dever do educador e da escola promoverem ações que busquem suprir estas deficiências.

Analisando-se esta estrutura social, as questões que envolvem a Educação, o Adolescente e a Terceira Idade, pode-se concluir que promover uma proposta que leve benefícios, por menores que sejam, a qualquer um destes segmentos ou mesmo aos três, pode significar uma nova perspectiva, ainda que pareça utópica, de transformar o acesso das pessoas à tecnologia não apenas como um instrumento de trabalho, mas como uma ferramenta de inserção e compreensão da sociedade.

Dentro das diversas e interessantes alternativas que se possam buscar, pareceu válido tentar oferecer ao Adolescente uma alternativa de realização, onde se sinta respeitado e valorizado e ainda à Educação (escola) um encaminhamento que possa oferecer um ambiente propiciador de experiências do conhecimento são, certamente, atitudes positivas e benéficas à sociedade como um todo e ainda se possa aprender com as diferenças.

Para tanto, a forma encontrada foi através da busca da integração entre este jovem, por natureza afeito à tecnologia, e integrantes da Terceira Idade, pessoas que, embora defasadas em termos de domínio tecnológico, possuem o diferencial da experiência de vida e de uma visão de mundo que podem ser extremamente úteis ao desenvolvimento do Adolescente, em uma simbiose que resulta benéfica para ambos.

À escola ainda resta o fato de estar buscando cumprir o seu papel de contribuir para uma sociedade mais justa, com menos exclusão e mais capacitada, levando à percepção de que o ser humano está inserido e é parte

integrante de tudo que o cerca, que constitui parte de um Universo maior, assim como uma célula do corpo faz parte de um corpo-universo que ela não compreende, mas que recebe os efeitos de ações diárias onde a base de todo relacionamento construtivo é o respeito.

Ainda que experimental, a proposta implantada forneceu um instrumental e um conhecimento básico na utilização do computador a um pequeno grupo de pessoas de Terceira Idade, que de outra forma, talvez, jamais teriam esta oportunidade caso o projeto não houvesse surgido, até pelas condições de vida e por já pertencerem a uma instituição social, podem ser considerados a margem da sociedade, pode-se dizer que para estas pessoas “fez diferença” e ainda, pode-se afirmar que também algo transformou os jovens que proporcionaram este momento em seres humanos mais preocupados em contribuir socialmente de alguma forma, agora ou no futuro.

A proposta central embutida reside justamente no fato de que é possível, sim, idealizar e implementar propostas válidas de melhoria social, de que a exclusão social resultante da tecnologia pode ser revertida em benefício da própria sociedade. Existe um grande contingente de pessoas da Terceira Idade esperando que alguém tenha a mesma prontidão, e que proporcione alguma mudança em suas vidas, por menor que ela seja.

Em suma, pode-se considerar os resultados colhidos como sendo não apenas interessantes e animadores, mas um demonstrativo das possibilidades em termos de iniciativas educacionais quando se objetiva tentar aprimorar o trabalho da escola e do educador.

No decorrer do desenvolvimento do projeto apresentado, ficou patente o potencial inexplorado que significa o jovem na sala de aula. Um potencial que cabe à escola, enquanto instituição, não apenas identificar, mas desenvolver, aproveitar e direcionar.

Quanto à Terceira Idade, pode-se considerar as metas propostas no início do trabalho como tendo sido plenamente atingidas, na medida em que ficou demonstrada a sua condição, em muitos casos, de distanciamento e falta de acesso ao cotidiano tecnológico que se tornou comum. Também foi possível demonstrar que esta é uma parcela da população que ainda detém capacidades que a tornam digna de pertencer ao meio social.

As hipóteses levantadas, foram analisadas durante o processo e desenvolvimento das atividades junto aos participantes e respondidas de acordo com o que foi verificado sobre cada uma delas.

- Os Adolescentes apresentam níveis mais avançados de desenvolvimento cognitivo com relação à tecnologia?

Pode-se dizer que não foi observado um destaque fora do comum em relação à cognição do Adolescente, apenas uma familiaridade maior com o computador, o que dá a ele uma habilidade e um manuseio com maior desenvoltura. Se eles aprendem ou conseguem ter mais facilidade na aquisição de conhecimentos do que pessoas de Terceira Idade, seria necessário um estudo aprofundado do fato ou fazer outros tipos de atividades que tornasse este aspecto da cognição mais enfático.

- Os Adolescentes não demonstram vontade em aprender e ensinar?

Os Adolescentes demonstraram uma alegria muito grande em ensinar as senhoras de Terceira Idade, expressando isso com palavras, gestos e escrevendo. Consideraram também que aprendem com as pessoas mais velhas, pois estas lhes transmitiram (segundo depoimento deles) experiência de vida.

- A Terceira Idade não aprende com a mesma facilidade de um jovem?

Notou-se que o grupo da Terceira Idade aprendia normalmente, apenas com uma certa lentidão com o equipamento, natural e esperada em pessoas que não tinham um histórico de proximidade com o computador. Não tiveram, porém, dificuldades em entender o que os Adolescentes ensinavam e fizeram tudo o que foi proposto.

- A relação entre jovens e Terceira Idade é realmente uma relação distante, em que não há trocas de conhecimentos ou entendimentos?

O relacionamento demonstrando entre ambos foi muito harmonioso, houve até demonstração de afeto por parte de alguns Adolescentes, que pode-se dizer, apegaram-se à pessoa que estavam ensinado.

- Os Adolescentes não têm empatia com pessoas da Terceira Idade e vice versa?

Não se constatou em momento algum falta de empatia, em nenhum dos participantes.

- Esse contato entre duas gerações pode trazer algum benefício para ambos?

Acredita-se que houve benefícios, pois alguns Adolescentes que eram considerados rebeldes, indisciplinados ou mesmo sem vontade de estudar, apresentaram, segundo relato dos professores, mudança de atitude em sala de aula e em relação aos estudos, demonstrando-se mais interessados e preocupados com a aprendizagem e com reflexo inclusive em suas notas.

- Haveria percepção dos professores sobre o desempenho em sala de aula dos alunos que participam da proposta? Como é a avaliação dos Adolescentes feitas por esses professores, comparando-se o desempenho na habilidade de trabalhar com a tecnologia e em ensinar pessoas de Terceira Idade, analisadas por uma pessoa alheia ao grupo de alunos, a qual não tivesse nenhuma expectativa prévia sobre esse desempenho? Estariam esses resultados correlacionados?

Com relação aos professores pode-se dizer que não houve uma mudança de postura com relação a estes alunos, pode-se até afirmar que os alunos é que proporcionaram uma mudança quando se ouviu de alguns professores questionamentos como: "O que fizeram com fulano que ele esta melhorando - parece outro?"

Ter uma familiaridade com a tecnologia auxiliará a Terceira Idade algum tipo de auxílio na solução de outros problemas?

O que se observou em relação à Terceira Idade foram algumas mudanças de postura, como segurança diante da máquina, diminuição da

tecnofobia, ressaltada por frases como:

- "Essa coisa, não é tão difícil quanto parece"
- "Logo, logo, estarei fazendo tudo isso sozinha"
- "Agora posso escrever meus bilhetes no computador"
- "Vou sentar em casa, com meu neto e vou mostrar o que aprendi"

Não se pode afirmar por certo, que, diante da máquina no banco, ou diante de uma urna eleitoral, por exemplo, a atitude da Terceira Idade que participaram do projeto será diferente, ou mesmo se haverá uma maior confiança no momento de mexer com a máquina, como uma atitude de "agora sei que posso mexer com isso sem problemas", esta é uma análise que necessitaria de um maior aprofundamento e de uma continuidade na pesquisa. O que se percebe, porém, é uma condição de receptividade ao aprendizado que pode e deve ser explorada de forma mais intensa e estimulante.

Assim, ao se finalizar este estudo, a conclusão final que se coloca é a de que, em que pesem as dificuldades de se exercer uma função docente em um país marcado por distanciamentos sociais que beiram o absurdo, ainda são possíveis iniciativas mesmo pequenas, que em um contexto maior, carregam o poder de promover alterações positivas na estrutura social que se percebe.

Após acompanhamento e observação do trabalho desenvolvido pelos Adolescentes juntos a Terceira Idade, pode-se sugerir que a escola não se detenha tanto a sala de aula com conteúdos expositivos, mas que busque um trabalho com projetos que tragam a visão de um aluno-cidadão, mais crítico e mais preocupado com o ser humano, com a equidade e a justiça.

Deve-se propor ainda, que questões que permaneceram sem resposta ou que não foram investigadas nesse trabalho como "O que motiva estes Adolescentes a deixas suas horas fora da escola a voltar a ela e desenvolver atividades junto a pessoas de idade tão diferente da sua, já que os mesmo não receberam nada em troca em termos palpáveis?" A mesma questão em relação à Terceira Idade também permanece em aberto e, além disso, qual seria o resultado prático para a Terceira Idade em suas atividades no dia a dia? Como por exemplo, o uso do caixa eletrônico no banco ou da urna eletrônica, um projeto como este pode possibilitar a estas pessoas maior desenvoltura e habilidade para lidar com esta tecnologia? Pode-se ainda trabalhar a criação de um ambiente virtual (Site) para comunicação entre Adolescentes e Terceira Idade onde podem divulgar também as experiências vividas por ambos e conhecer outros grupos que também estejam desenvolvendo algum tipo de parceria educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. J. de. **Educação e informática, os computadores nas escola.**
São Paulo: Cortez Editora, 1984.

ALMEIDA, F. J. de. JÚNIOR, F. M. F. **Projetos e ambientes inovadores.**
Secretaria de Educação á Distância. Brasília: MEC/PROINFO, SEED, 2000.

ASSMANN, H.. **Reencantar a educação:** Rumo à sociedade aprendente. 3ª
ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ÁVILA, Francisco. ***Ideas sobre la complejidad del mundo.***
Disponível em:

<<http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/6708/modernidad1.htm>>

Acesso em: 22 out 2001

BELAS, L. J. **Algumas idéias sobre as questões da terceira idade.**
Disponível em: <<http://www.jlbelas.psc.br/texto18.htm>>. Acesso em: 22 jan.
2000.

BELLONI, M. L. O. **O que é mídia-educação**. Polêmicas de nosso Tempo. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

CASTRO, C. de M. **O Computador na escola**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. 1ª. ed. São Paulo: Perseu Abramo, v. 1, 2000.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC; UNESCO, 2001.

DEMO, P. **Conhecimento e aprendizagem na nova mídia**. Brasília: Plano, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A importância do ato de ler**. 37ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 15ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRUTUOSO, D. L. F. **A 3ª idade na universidade: estudo no campo das representações**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Educação, 1996. Tese de Doutorado.

HEINSIUS, A. M. **Psicologia do desenvolvimento**. Disponível em:
<<http://www.jsa.med.br/Terceira%20Idade.htm>> Acesso em: 12 jan. 2001.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação. Os projetos de Trabalho**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

LORDA, C. R.; SANCHEZ, C. D. **Recreação na terceira idade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

KALACHE, A. **A terceira idade**. Disponível em:
<<http://www.maturidade.com.br/publica/tercida.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2000.

LÉVY, P. **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LUDWIG, L. W. **O fim do emprego**. Disponível em:
<<http://www.visualbook.com.br/entrevi/empre/emp1.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2000.

MACIEL, M. **Terceira idade e direitos humanos**. Disponível em:
<<http://www2.uol.com.br/maturidade/m37vice.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2000.

MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2000.

MATURIDADE. **Grupo de terceira idade**. Disponível em:
<<http://www.maturidade.com.br/publica/reporta.htm>> Acesso em: 09 jan. 2000

MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 2ª. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

MORETTO, V. P. **Construtivismo a produção do conhecimento em aula**. Rio de Janeiro, 1999.

MORIN. E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.

OLIVEIRA. J. **Em tempos de produtividade**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/maturidade/m41com.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2000.

OLIVEIRA, R. de. **Informática educativa: Dos planos e discursos à sala de aula**. Campinas: Papirus, 1997.

PAPERT, S. **A máquina das crianças**. Repensando a Escola na Era da Informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

RATTNER, H. **Informática e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANCHO, J. M. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANDHOLTZ, J. H.; RINGSTAFF, C.; DWYER, D. C. **Ensinado com tecnologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTOS, G. F. **Informática para terceira idade**. 1999. Disponível em: <http://www.forumdaterceiraidade.com.br/informatica-10_11_00.htm>. Acesso em: 20 Jan. 2000.

SHAFF, A. **A sSociedade informática**. 4ª ed. São Paulo: Unesp, 1995.

STRASBURGER, C. V. **Os adolescentes e a mídia: Impacto Psicológico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

STEWART, Thomas. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TAJRA, S. F. **Informática na educação: professor na atualidade**. São Paulo: Erica, 1998.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo**. São Paulo: Gente, 1998.

_____. **Ensinar aprendendo: Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.

VARGAS, H. S. **Psicologia do envelhecimento**. São Paulo: Fundo Editorial Byk-Prociencx, 1983.

ZAGURY, T. **O Adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Bibliografias Consultadas

BARROS, J. P. D. de; D'AMBROSIO, U. **Computadores, escola e sociedade**, São Paulo: Scipione, 1988.

BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artemed, 2000.

DELVAL, J. **Aprender a aprender**. São Paulo: Papyrus, 1997.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas – SP: Autores Associados, 1996.

_____. **Conhecimento Moderno. Sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GARCIA, M. M. K. **A sociedade do ter e suas implicações na 3ª idade**. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Psicologia, 1994. Dissertação de Mestrado.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

MERCADO, L. P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: Edufal, 1999.

NISKIER, A. **Tecnologia educacional: uma visão política**. Petrópolis: Vozes, 1993.

NUNES, R. C. **Metodologia para o ensino de informática para terceira idade – aplicação no CEFET/SC**. Florianópolis, 1999. 172 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 1999.

TUBINO, M. J. G. **Tecnologia educacional: das máquinas de aprendizagem e programação funcional por objetivos de ensino**. São Paulo: IBRASA, 1984.

VALENTE, J. A. Computadores e conhecimento: repensando a educação.

Campinas-São Paulo: Unicamp, 1993.

WEISS, A. M. L. A informática e os Problemas Escolares de Aprendizagem. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

WERNECK, Hamilton. Ensinaemos Demais, Aprendemos de Menos.

Petrópolis: Vozes, 1998.

ANEXO 1

ROTEIRO DE ATIVIDADES DESENVOLVIDO COM A TERCEIRA IDADE

1º Encontro

Atividades no Programa *Paint*, desenhos livres, escrever seus nomes,
familiarização com a máquina

2º Encontro

WORD

Word Art no título

Digitar

Colocar em negrito

Numerar

Inserir figuras do clipart

Clarear, levar para trás do texto

Diminuir

3º Encontro

Paragrafação

Título maiúsculo - negrito

Colorir título

Justificar texto

Usar *shift* para letra maiúscula e usar formatar maiúsculo para frases

Moldura - Formatar borda

Desfazer

Pincel

Usar formatação de fonte para aumentar tamanho e tipo de letra

Rever o que ficou em dúvida na passada

4º Encontro

Digitar o texto

Espaçamento

Colocar o texto em colunas

Utilizar o capitular no início dos parágrafos

Inserir figura

Colocar em negrito

Maiúscula

Título - Word Art

5º Encontro

Título - Colorir título

Digitar o texto

Espaçamento

Animação de fonte

Inserir figura - Borda

Colocar em negrito, itálico, sublinhar

Maiúscula

Recortar - colar

Copiar - colar

Salvar como

Inserir comentário (escolher uma palavra)

6º Encontro

Inserir figura do arquivo

Escrever uma História seguindo a seqüência dos desenhos

Inserir caixa de texto

Utilizar todos os recursos aprendidos até agora

Digitar o texto

Espaçamento

Animação de fonte

Colocar em negrito, itálico, sublinhar

Maiúscula

Recortar - colar

Copiar - colar

Salvar como

Inserir comentário (escolher uma palavra)

7º Encontro

Inserir tabela

Inserir figura do arquivo

Escrever uma História seguindo a seqüência dos desenhos

Utilizar os recursos de autoforma

Digitar o texto

Espaçamento

Animação de fonte

Colocar em negrito, itálico, sublinhar

Maiúscula

Recortar - colar

Copiar - colar

Salvar como

8º Encontro - Programa *POWER POINT*

Criar 4 telas

Trabalhar escrita, inserir imagens

Por fundo

Movimentos

Apresentar

9º Encontro – Programa *POWER POINT*

Criar 2 telas falando do projeto

Trabalhar escrita, inserir imagens

Por fundo

Movimentos

Apresentar

10º Encontro – Programas *POWER POINT* e *WORD*

Programa *Power Point*

Criar 1 tela em formato cartão de Natal

Trabalhar escrita, inserir imagens

Por fundo

Programa *Word*

Inserir Figura

Justificar texto

Usar shift para letra maiúscula e usar formatar maiúsculo para frases

Moldura - Formatar borda

Fazer hyperlink entre os dois arquivos

ANEXO 2

1999 – POLÍTICA NACIONAL PARA O IDOSO

Segundo a OMS, há 580 milhões de idosos no mundo. As projeções indicam que, em 2020, serão 700 milhões. No Brasil, teremos 27 milhões de idosos.

Por determinação da ONU, o ano de 1999 será Ano Internacional do Idoso. Em todo o mundo, comitês organizados pelos países planejaram eventos comemorativos. No Brasil não foi diferente. Decreto do presidente Fernando Henrique instituiu um comitê que tinha, entre outras, a função de articular com a ONU e a Organização Mundial da Saúde (OMS) a programação do evento. Na verdade, mais do que comemorar, o Ano Internacional do Idoso pode ser uma alavanca para uma discussão ampla, envolvendo toda a sociedade, sobre o atendimento que os velhos recebem no país. Se aqueles que se encontram no auge de sua capacidade produtiva, são, muitas vezes, tratados como cidadãos de segunda linha, é de se imaginar a atenção que os idosos, em geral, improdutivos, recebem. O fato é que o Brasil está envelhecendo. Mas não se preparou para isso.

A história é contada nos livros escolares. O jovem guerreiro sai de casa com seu pai ancião. Diz a tradição que o jovem deve deixar o velho - já sem nenhuma função ou importância para a tribo - no alto de uma colina, onde ele encontrará a morte, acompanhado apenas de um manta, para protegê-lo do frio intenso. Na despedida, o velho pede uma faca. "Para que a quer, meu pai?", pergunta o filho. "Para cortar a

manta ao meio. Assim, você terá a sua quando seu filho o trouxer aqui". Confrontado com a realidade que o espera dali a alguns anos, o filho pega o pai e o leva de volta à casa.

A fábula reflete, de certa maneira, o comportamento das pessoas. Seres guerreiros, levando os velhos para a colina, sem nunca pensar que amanhã estes mesmos serão os idosos condenados a morrer sem cuidados. "Se algo não for feito, envelhecer será cada vez pior no Brasil", atesta o presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Renato Maia Guimarães. E o fazer a que se refere Maia não depende sequer da criação de leis específicas. A política nacional do idoso, estabelecida pela lei 8842/94, é perfeita na definição das ações que devem ser implementadas visando à garantia de uma velhice com dignidade. Ocorre que, como muitas leis, essa não pegou no país. E ações elementares, como a assistência à saúde, não são praticadas, pois a realidade deixa muito a desejar. "O idoso requer atendimento especial e não é isso que acontece. Normalmente, ele é atendido por um médico sem conhecimentos específicos", afirma Maia. Não recebendo o tratamento adequado, o idoso tem mais propensão a ver seu quadro agravado. Muitas vezes são feitas internações desnecessárias, o que também contribui para deteriorar o quadro do paciente. Para resolver esse problema, o ideal seria que nas unidades de atendimento, principalmente aquelas conveniadas ao SUS, existissem médicos, generalistas para a assistência aos idosos com geriatras na retaguarda. Não há esses especialistas por várias razões. Uma delas é o baixo número de geriatras com título de especialista no Brasil: são apenas 350 os reconhecidos pela Sociedade de Geriatria. E por quê há

poucos geriatras? A resposta pode estar no baixo nível de esclarecimento com relação à especialidade por parte dos estudantes. A lei 8842 determina que o ensino de geriatria faça parte do currículo de graduação das escolas de medicina. Porém, isso não vem sendo cumprido, com algumas exceções. "Renato Maia acredita que o fato de o Brasil ainda não ter se dado conta de que está envelhecendo contribui para a desatenção para com os idosos. Na Europa, que envelheceu há muito mais tempo que o Brasil, há uma compreensão maior sobre as necessidades e demandas dessa população. "O maior problema no Brasil é o preconceito, que tem sólidas raízes. Ainda se acredita que envelhecimento é um tempo de perda, infelicidade, de espera da morte", lamenta Renato Maia, quando, na realidade, esse pode ser um período fértil em idéias e oportunidades. (Matéria publicada no Boletim do Sindhosp, de dezembro/98)

Merece destaque a Lei 8842, de 04.01.94, regulamentada pelo Decreto nº 1948, de 03.07.96, a Política Nacional do Idoso, que define competências nas diversas áreas, priorizando saúde e assistência social.

O Brasil tem hoje 13 milhões de idosos, que compõem 8% da população brasileira. No início do próximo século, esta população alcançará os 30 milhões.

O programa de atendimento ao Idoso -PAI-, lançado pelo Governo em março de 1998, destina-se a promover a prática de atividades que estimulem os idosos a buscar autonomia e dignidade.

A partir da década de 70 o Brasil passou a ter um crescimento significativo da faixa etária acima de 60 anos, gerando em consequência a necessidade de criação de uma política de atendimento ao idoso, surgindo a lei nº 8842/94 que dispõe sobre a Política Nacional do idoso.

Segundo estudos e pesquisas o Brasil, por volta do ano 2025, deve passar a ocupar o 6º lugar do ranking mundial da população idosa. Desse modo, essa população idosa deve ser inserida na vida sócio-econômica do país contribuindo para o seu desenvolvimento.

LEI Nº 8.842 - DE 04 DE JANEIRO DE 1994

"Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências".

O Presidente da República.

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I

DA FINALIDADE

Art. 1º. A política nacional do idoso tem por objeto assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Art. 2º. Considera-se idoso, para os efeitos desta Lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade.

CAPÍTULO II

DOS PRINCÍPIOS E DA DIRETRIZES

SEÇÃO I

DOS PRINCÍPIOS

Art. 3º. A política nacional do idoso, reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;

II - o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;

III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;

IV - o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política;

V - as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta Lei.

SEÇÃO II

DAS DIRETRIZES

Art. 4º. Constituem diretrizes da política nacional do idoso:

I - viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações;

II - participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos;

III - priorização do atendimento ao idoso através de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições que garantam sua própria sobrevivência;

IV - descentralização político-administrativa;

V - capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços;

VI - implementação de sistema de informações que permita a divulgação da política, dos serviços oferecidos, dos planos, programas e projetos em cada nível de governo;

VII - estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento;

VIII - priorização do atendimento ao idoso em órgãos públicos e privados prestadores de serviços, quando desabrigados e sem família;

IX - apoio a estudos e pesquisas sobre as questões relativas ao envelhecimento.

Parágrafo único. É vedada a permanência de portadores de doenças que necessitem de assistência médica ou de enfermagem permanente em instituições asilares de caráter social.

CAPÍTULO III

DA ORGANIZAÇÃO E GESTÃO

Art. 5º. Competirá ao órgão ministerial responsável pela assistência e promoção social a coordenação geral da política nacional do idoso, com a participação dos conselhos nacionais, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso.

Art. 6º. Os conselhos nacional, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso serão órgãos permanentes, paritários e deliberativos, compostos por igual número de representantes dos órgãos e entidades públicas e de organizações representativas da sociedade civil ligadas à área.

Art. 7º. Compete aos conselhos de que trata o artigo anterior a formulação, coordenação, supervisão e avaliação da política nacional do idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas.

Art. 8º. À União, por intermédio do ministério responsável pela assistência e promoção social, compete:

I - coordenar as ações relativas à política nacional do idoso;

II - participar na formulação, acompanhamento e avaliação da política nacional do idoso;

III - promover as articulações intraministeriais e interministeriais necessárias à implementação da política nacional do idoso;

IV - (VETADO)

V - elaborar a proposta orçamentária no âmbito da promoção e assistência social e submetê-la ao Conselho Nacional do Idoso.

Parágrafo único. Os ministérios das áreas de saúde, educação, trabalho, previdência social, cultura, esporte e lazer devem elaborar proposta orçamentária, no âmbito de suas competências, visando ao financiamento de programas nacionais compatíveis com a política nacional do idoso.

Art. 9º. (VETADO)

Parágrafo único. (VETADO)

CAPÍTULO IV

DAS AÇÕES GOVERNAMENTAIS

Art. 10. Na implementação da política nacional do idoso, são competências dos órgãos e entidades públicos:

I - na área de promoção e assistência social:

- a) prestar serviços e desenvolver ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas do idoso, mediante a participação das famílias, da sociedade e de entidades governamentais e não governamentais;
- b) estimular a criação de incentivos e de alternativas de atendimento ao idoso, como centros de convivência, centros de cuidados diurnos, casas-lares, oficinas abrigadas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros;
- c) promover simpósios, seminários e encontros específicos;
- d) planejar, coordenar, supervisionar e financiar estudos, levantamentos, pesquisas e publicações sobre a situação social do idoso;
- e) promover a capacitação de recursos para atendimento ao idoso;

II - na área de saúde:

- a) garantir ao idoso a assistência à saúde, nos diversos níveis de atendimento do Sistema Único de Saúde;
- b) prevenir, promover, proteger e recuperar a saúde do idoso, mediante programas e medidas profiláticas;
- c) adotar e aplicar normas de funcionamento às instituições geriátricas e similares, com fiscalização pelos gestores do Sistema Único de Saúde;
- d) elaborar normas de serviços geriátricos hospitalares;

e) desenvolver formas de cooperação entre as Secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal, e dos Municípios e entre os Centros de Referência em Geriatria e Gerontologia para treinamento de equipes interprofissionais;

f) incluir a Geriatria como especialidade clínica, para efeito de concursos públicos federais, estaduais, do Distrito Federal e municipais;

g) realizar estudos para detectar o caráter epidemiológico de determinadas doenças do idoso, com vistas a prevenção, tratamento e reabilitação; e

h) criar serviços alternativos de saúde para o idoso;

III - na área de educação:

a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso;

b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;

c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores;

d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento;

e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados à condição do idoso;

f) apoiar a criação de universidade aberta para a Terceira Idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber;

IV - na área de trabalho e previdência social:

a) garantir mecanismos que impeçam a discriminação do idoso quanto a sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado;

b) priorizar o atendimento do idoso nos benefícios previdenciários;

c) criar e estimular a manutenção de programas de preparação para aposentadoria nos setores público e privado com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento;

V - na área da habitação e urbanismo:

a) destinar, nos programas habitacionais, unidades em regime de comodato ao idoso, na modalidade de casas-lares;

b) incluir programas de assistência ao idoso de melhoria de condições de habilidade e adaptação, de moradia, considerando seu estado físico e sua independência de locomoção;

c) elaborar critérios que garantam o acesso da pessoa idosa à habitação popular;

d) diminuir barreiras arquitetônicas e urbanas;

VI - na área de justiça:

a) promover e defender os direitos da pessoa idosa;

b) zelar pela aplicação das normas sobre o idoso determinando ações para evitar danos e lesões a seus direitos;

VII - na área de cultura, esporte e lazer:

a) garantir ao idoso a participação no processo de produção, reelaboração e fruição dos bens culturais;

b) propiciar ao idoso o acesso aos locais e eventos culturais, mediante preços reduzidos, em âmbito nacional;

c) incentivar os movimentos de idosos a desenvolver atividades culturais.

d) valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural;

e) incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade.

§ 1º. É assegurado ao idoso, o direito de dispor de seus bens, proventos, pensões e benefícios, salvo nos casos de incapacidade judicialmente comprovada.

§ 2º. Nos casos de comprovada incapacidade do idoso para gerir seus bens, ser-lhe-á nomeado Curador especial em juízo.

§ 3º. Todo cidadão tem o dever de denunciar à autoridade competente qualquer forma de negligência ou desrespeito ao idoso.

CAPÍTULO V

DO CONSELHO NACIONAL

Art. 11. (VETADO)

Art. 12. (VETADO)

Art. 13. (VETADO)

Art. 14. (VETADO)

Art. 15. (VETADO)

Art. 16. (VETADO)

Art. 17. (VETADO)

Art. 18. (VETADO)

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 19. Os recursos financeiros, necessários à implantação das ações afetas às áreas de competência dos governos federal, estaduais, do Distrito Federal e municipais serão consignados em seus respectivos orçamentos.

Art. 20. O Poder Executivo regulamentará esta Lei no prazo de sessenta dias, a partir da data de sua publicação.

Art. 21. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 22. Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 4 de janeiro de 1994; 173º da Independência e 106º da República.

ITAMAR FRANCO - Leonor Barreto Franco

ANEXO 3

ANO INTERNACIONAL DO IDOSO

Desde o dia 27 de setembro de 1998 o mundo inteiro comemora o ANO INTERNACIONAL DO IDOSO, instituído pela ONU, e que se encerrará dia 27 de setembro de 1999.

Essa efeméride, proporcionará aos governantes e à sociedade do mundo inteiro, oportunidade ímpar para refletir sobre o envelhecimento.

A decrepitude humana foi muito pouco estudada até hoje, inclusive pelas cabeças pensantes das Universidades. Pouquíssimas foram às escolas, duas ou três em todo o país, que criaram cursos para ajudar às pessoas envelhecidas. Tanto que, até a algum tempo, um médico que desejasse se tornar um Geriatra tinha de ir estudar na Europa. Só depois do advento da Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que criou a Política Nacional do Idoso, é que, as instituições de ensino superior, começaram a adequar-se para atender a determinação dessa Lei, que prevê a existência de cursos de Geriatria e de Gerontologia Social nas Faculdades de Medicina. A capital do Brasil é pioneira em vários aspectos da ajuda aos idosos: Foi o primeiro Estado brasileiro a criar uma Subsecretaria para Assuntos Idoso e um Fundo de Apoio e Assistência ao Idoso, já em fase de implantação, além de manter o Conselho do Idoso, criado em 1991. No Distrito Federal, há 12 anos, um grupo de

técnicos vem procurando ouvir e atender ao que desejam cerca de sete mil idosos, que, semanalmente, se encontram em 35 Grupos Comunitários e 15 Associações, são dirigidos pelos próprios idosos. O que eles exigem é cidadania plena, respeito, reconhecimento de sua importância no contexto social, oportunidade para viver bem a idade que têm; pedem o fim da discriminação pelo simples fato de serem portadores de rugas e cabelos brancos, o que, aliás, é largamente compensado pela experiência e vontade de viver que possuem. Graças as conquistas, ainda poucas mas significativas, e o apoio da imprensa, os idosos começam a aparecer para aqueles que teimam em ignorá-los, e acham que só os jovens são importantes, só os adultos jovens precisam viver melhor e que os velhos só precisam de caridade.

Autor: MARCELO - IDADE NÃO DEFINE A FRONTEIRA DA VELHICE.

Considerar que a Terceira Idade começa aos 60 ou 65 anos só serve para fixar estatisticamente um problema de saúde pública, a doença da perda de função dos indivíduos na sociedade moderna Marcelo Leite especial para a Folha Para a maioria dos velhos do mundo, a velhice deve ser "nem tanto um continuar a viver, mas um não poder morrer". Não são eles _velhos de carne e osso, ainda que definhantes _ os contemplados em 1999 com o Ano Internacional das Nações Unidas, mas os "idosos", que vivem só nas estatísticas. As palavras impiedosas provêm do pensador político italiano Norberto Bobbio. Resumem de forma vívida como muitos experimentam o fenômeno moderno da extensão da velhice: um prolongamento da vida que merece cada vez menos esse nome. Bobbio contava mais de 80 anos quando

as escreveu em seu amargo "De Senectute" (publicado pela Editora Campus no volume "O Tempo da Memória"). Cícero tinha 62 quando escreveu, no ano 44 a.C., o clássico de mesmo título. Pelo padrão atual, nenhum deles seria considerado idoso. Bobbio cairia na categoria "muito idoso" (acima de 75 ou 80 anos). O romano Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) só seria idoso se escrevesse "De Senectute" num país subdesenvolvido. Tal é a definição do velho demográfico, ou idoso: mais de 65 anos, em nações ricas, e mais de 60, nas pobres. É o critério da Organização Mundial da Saúde (OMS), adotado pelo Brasil. Ninguém está satisfeito com essas idades de corte. Primeiro, porque cinco anos podem ser muito pouco para dar conta das diferenças nas expectativas de vida de países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Mesmo entre populações da mesma região, como Costa Rica e Haiti, a distância abarca 23 anos. Outro fator para relativizar esses números é o rápido aumento da esperança de vida no Terceiro Mundo, produto da chamada transição demográfica. Considere-se o Brasil: em 2025, o país terá 16 vezes mais velhos do que em 1950, embora a população vá multiplicar-se por cinco, apenas. A expectativa de vida dobrou de 33,7 anos em 1900 para 68,3 neste ano. Num mundo que envelhece tão rápido, não faz muito sentido ter uma idade fixa para tornar-se velho. Depois, há muita variação na qualidade de vida de um mesmo contingente. "Os idosos formam um grupo bastante heterogêneo e fica mais difícil estabelecer 'padrões' para o envelhecimento, como normalmente se faz ao monitorar o desenvolvimento das crianças", afirma a médica geriatra Andréa Prates, 40. "A idade cronológica não é o melhor parâmetro para definir a velhice", diz Prates, coordenadora do Centro Internacional de Informação

para o Envelhecimento Saudável (Cies), recém-criado pela OMS no Brasil. Mais adequado seria recorrer à idéia de idade funcional, segundo o médico João Toniolo Neto, 40, do Centro de Estudos do Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O conceito leva em conta a autonomia do velho, sua capacidade de realizar sozinho tarefas prosaicas como tomar banho, ir ao banco, cozinhar, fazer compras. Avaliado em anos ou por seu desempenho, o idoso tornou-se um objeto de saúde pública. Essa não sobrevive sem estatísticas, que demandam fronteiras claras e imóveis (sem as quais as séries históricas se tornam impossíveis). Trabalho como essas delimitações nada têm de biológico, o antropólogo italiano Massimo Canevacci, 56, da Universidade de Roma La Sapienza, sugere buscar sua origem no epicentro da identidade do cidadão do século 20, o trabalho: "Os 65 anos são um compromisso ou um cruzamento entre a taxa de mortalidade, o salário como aposentado e a produtividade como trabalhador", diz. Sob esse ângulo contábil, o mundo lembrou-se de repente de seus velhos porque eles se excedem como improdutivos, aposentando-se em contingentes e por períodos cada vez maiores. Mais que uma questão, uma despesa de saúde pública, e sem retorno. O pessimismo demográfico está na base de alarmes como o soado por "Gray Dawn" (Aurora Cinzenta, ou Grisalha), de Peter G. Peterson, livro lançado este ano pela Times Books (280 págs., US\$ 23). Para esse banqueiro de investimentos americano, o cenário é apocalíptico: "Há um iceberg bem à frente. É o chamado envelhecimento global, e ele ameaça levar as grandes potências à falência". A mensagem poderia ser entendida assim pelos velhos despossuídos até de uma renda própria: não só não há função

para eles no mundo da economia acelerada como ainda sua mera sobrevivência, mesmo precária, arrisca levá-lo à breca. Detalhes Desumanos para Ecléa Bosi, coordenadora da Universidade da Terceira Idade da USP e autora de um clássico sobre a velhice ("Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos", Companhia das Letras), o velho é oprimido pelos "pequenos detalhes desumanos" da cidade, das calçadas quebradas aos degraus altos dos ônibus. Ele fica "engaiolado em casa", pois na rua é empurrado "brutalmente", diz Ecléa. A cidade e a cultura não lhe deixam muito espaço: "A velocidade é um bem para essa sociedade. E o velho é uma pessoa que anda devagar" (em todos os sentidos, inclusive o da reflexão). Nas sociedades tradicionais, pré-urbanas, os velhos tinham uma função clara: lembrar, mostrando que o presente tem, ou deveria ter, raízes. Isso já não parece necessário. Segundo Massimo Canevacci, não é só a velhice que está desenraizada, mas também a juventude, a família e o trabalho. Isso pode representar, na sua opinião, uma oportunidade, um desafio para a invenção de novos papéis. Não caberia à sociedade, enfim, definir quem é o idoso: "Ele é que deveria autodefinir-se como uma pessoa que quer fazer coisas e, sozinho ou com outros, elaborar projetos socialmente úteis", recomenda o antropólogo. "Nada e ninguém é sem retorno."

26/09/1999 - Autor: ISABEL CLEMENTE. EXPECTATIVA DE VIDA DO IDOSO

Número de pessoas mais velhas pode chegar a 25 milhões Expectativa de vida no país cresce de 66 para 68 anos Isabel Clemente da Sucursal do Rio A expectativa de vida do brasileiro aumentou de 66 anos, em 1991, para 68,1

anos, divulgou ontem o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Com isso, o instituto estima que a população acima de 60 anos de idade deve mais que dobrar até 2020. Isso significa também que a camada em idade economicamente ativa (acima de 10 anos, para fins oficiais) aumentará em, pelo menos, 30 milhões de pessoas nesse período. Atualmente, o mercado de trabalho já não tem mostrado crescimento compatível com o aumento da população. Segundo dados do IBGE divulgados ontem, o contingente "velho" da população vai passar de 25 milhões de pessoas em 2020, ou 12% da população total, contra 7,6% (ou 12,45 milhões) em 98. Os jovens brasileiros com menos de 15 anos, que já foram quase metade da população nos anos 40 (42%), representarão apenas 24% em 2020, segundo o instituto. O IBGE apurou ainda um maior controle da mortalidade infantil e a redução no número de filhos gerados por mulher. A esperança de vida atual do brasileiro ainda está abaixo dos padrões dos países desenvolvidos, como Japão e Canadá, onde a longevidade da população ultrapassa 75 anos. Mas, no Brasil, alguém nascido nos anos 50 tinha uma esperança de vida estimada, na média, em 43,3 anos. O IBGE projeta que a expectativa de vida no país deva passar de 70 anos em 2020. A expectativa de vida vai se reduzindo com a idade. Um adulto de 60 anos que queira se aposentar hoje, por exemplo, tem mais 17,6 anos de vida, em média, estimada. É esse tempo de vida que entra no cálculo do fator previdenciário para o tempo de aposentadoria do trabalhador brasileiro. O Brasil também avançou na redução do índice de mortalidade infantil, informa o IBGE. Para cada mil crianças nascidas no ano passado, 35,87 morriam antes de completar 1 ano de vida. Sete anos antes (91), a

relação era de 44 óbitos para mil nascimentos. A proporção atual ainda é de "envergonhar", segundo Luiz Antônio de Oliveira, chefe do Departamento de População e Indicadores Sociais do IBGE. "O país ainda tem muito o que avançar nessa área, mas a tendência é declinante", disse. Nos anos 80, esse índice chegava a 83,79 óbitos; nos 70, a 113,85 mortes. A onda jovem da população também está perdendo a força porque as brasileiras estão tendo menos filhos. Se, no início da década, a média era de 2,85 filhos por mulher, a projeção do IBGE para o próximo ano é de 2,3, tendendo a 2,14 em 2020. Em muitos países europeus, os nascimentos já estão abaixo do nível de reposição _quando um casal tem menos de dois filhos. Segundo o técnico do IBGE, é cedo para saber se o brasileiro tende ao mesmo comportamento. "É infundado dizer que as famílias pobres estão cheias de filhos", afirmou. "Não digo que o país não esteja assolado por doenças, mas causas mais prosaicas para a mortalidade infantil, como a diarreia, estão mais controladas."

**"Eu fiz um acordo pacífico com o tempo,
nem ele me persegue, nem eu fujo dele.
Um dia a gente se encontra."
Mario Lago**